



Universidade Federal da Paraíba  
Centro de Ciências Humanas Letras e Artes  
Departamento de Mediações Interculturais  
Curso de Bacharelado de Tradução

**CRISTIANE BEZERRA DO NASCIMENTO**

**TRADUÇÃO E CONFLITO: CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES  
COLETIVAS E O USO DOS PRONOMES 'NÓS' E 'ELES' NO  
CORPUS PARALELO *GRANDE SERTÃO: VEREDAS//THE DEVIL  
TO PAY IN THE BACKLANDS***

João Pessoa - PB  
Novembro de 2017

Universidade Federal da Paraíba  
Centro de Ciências Humanas Letras e Artes  
Departamento de Mediações Interculturais  
Curso de Bacharelado de Tradução

CRISTIANE BEZERRA DO NASCIMENTO

**TRADUÇÃO E CONFLITO: CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES  
COLETIVAS E O USO DOS PRONOMES ‘NÓS’ E ‘ELES’ NO  
CORPUS PARALELO *GRANDE SERTÃO: VEREDAS//THE DEVIL  
TO PAY IN THE BACKLANDS***

Trabalho apresentado no período 2017.1,  
como requisito para a conclusão do curso  
de Bacharelado em Tradução da  
Universidade Federal da Paraíba e  
consequente obtenção do título de  
Bacharel em Tradução.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Antonio de  
Sousa Alves

João Pessoa - PB  
Novembro de 2017

Publicação na Fonte.  
Universidade Federal da Paraíba.  
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Nascimento, Cristiane Bezerra do.

Tradução e conflito: construção de identidades coletivas e o uso dos pronomes 'nós' e 'eles' no corpus paralelo grande sertão:veredas //The devil to pay in the backlands / Cristiane Bezerra do Nascimento. - João Pessoa, 2017.

71 f.:il.

Monografia (Graduação em Tradução) – Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Antonio de Sousa Alves.

1. Estudos da tradução. 2. Tradução e conflito. 3. Linguística de corpora . 4. Construção de identidade coletiva. I. Título.

BSE-CCHLA

CDU 81'255

CRISTIANE BEZERRA DO NASCIMENTO

TRADUÇÃO E CONFLITO: CONSTRUÇÃO DE  
IDENTIDADES COLETIVAS E O USO DOS PRONOMES  
'NÓS' E 'ELES' NO CORPUS PARALELO *GRANDE SERTÃO:*  
*VEREDAS||THE DEVIL TO PAY IN THE BACKLANDS*  
*BANCA EXAMINADORA*



---

Dr. DANIEL A. DE SOUSA ALVES



---

Dra. TÂNIA LIPARINI CAMPOS



---

Dr. ROBERTO CARLOS DE ASSIS

João Pessoa

2017

À minha querida avó Maria (*in memoriam*),  
que me contava histórias sobre o seu sertão

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu Pai Celestial pelo seu infinito amor.

Aos meus pais que acreditaram no meu recomeço desta minha segunda graduação. Mesmo sem entenderem minha mudança de carreira, continuam do meu lado e seguem apoiando todas as minhas escolhas. Obrigada por todo incentivo, carinho e paciência.

Ao meu irmão Daniel pelas conversas diárias que me ajudaram a seguir em frente, e a minha irmã Juliana que mesmo morando longe, me apoiou indiretamente e contribuiu para que este trabalho se realizasse.

Ao orientador e amigo Daniel Alves, por toda dedicação ao me orientar neste trabalho. Pelos conselhos, correções, por aceitar seguir me orientando, pela publicação conjunta do artigo, por me incentivar e me ajudar a crescer e, principalmente, por me mostrar o mundo fascinante da Linguística de Corpora. Muito obrigada pelo tempo, paciência, aulas e por todos os trabalhos realizados.

Aos Professores e Professoras do Curso de Bacharelado em Tradução, por toda dedicação e ensinamentos (em especial aos que aceitaram compor a banca, a querida Prof<sup>a</sup> Tânia Liparini, o Professor Roberto Carlos, e a Professora Ana Cristina). Muito obrigada!

Aos companheiros universitários pelo espaço vivido durante todos esses anos. Por todas as risadas, conhecimentos compartilhados, ansiedades em véspera de prova, conselhos e por crescermos juntos (em especial Sharmilla Linhares e Maximiliano Silva). Muito obrigada por estarem comigo desde o começo.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, muito obrigada!

*“A linguagem e a vida são uma coisa só.  
Quem não fizer do idioma o espelho de sua personalidade não vive;  
e como a vida é uma corrente contínua,  
a linguagem também deve evoluir constantemente.”*

Guimarães Rosa

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo uma análise dos usos dos pronomes pessoais ‘nós’ e ‘eles’ do corpus paralelo ficcional *Grande Sertão: Veredas*, escrito por Guimarães Rosa, e a análise dos pronomes ‘we’ e ‘they’ da sua única tradução para a língua inglesa, *The devil to pay in the backlands*, traduzido por James Taylor e Harriet de Onís. A análise busca entender o uso dos pronomes na construção de situações de conflitos armados e como a linguagem pode ser usada para construir uma contraposição ‘nós versus eles’. O trabalho dialoga com as pesquisas de Maia (1998) e Barbara e Gouveia (2004) que analisam o uso dos pronomes pessoais. Em relação à construção de identidades coletivas e conflito, o trabalho estabelece diálogos com Leudar, Marsland e Nekvapil (2004) e Bar-Tal (2011). Para o levantamento dos dados, foi utilizada ferramenta *AntConc*. Dentre os resultados obtidos, constatou-se a elisão do pronome ‘nós’ em português com 88,7% dos casos levantados contra 11,3% do uso explícito. Em relação à posição pronominal dos casos do pronome explícito, o pronome ‘nós’ se encontra 100% na posição anteposta ao verbo e o pronome ‘eles’, 73,7% dos casos o pronome se encontra na posição anteposta ao verbo. No inglês, considerando a estrutura da língua inglesa, destaca-se também o uso explícito dos pronomes ‘we’ e ‘they’. Na construção de identidades coletivas, os dados não corroboram as expectativas iniciais do trabalho, não sendo unânimes as associações as prosódias negativas para o grupo hostil nem prosódias positivas aos grupos aliados.

**Palavras-Chave:** Estudos da Tradução; Tradução e Conflito; Linguística de Corpora; Construção de Identidades Coletivas; *Grande Sertão: Veredas*//*The devil to pay in the backlands*;

## ABSTRACT

This monograph aims at presenting an analysis of the uses of the personal pronouns 'nós' and 'eles' in Brazilian Portuguese of the parallel fictional corpus *Grande Sertão: Veredas* by Guimarães Rosa and the personal pronouns 'we' and 'they' of the corpus *The devil to pay in the backlands*, by James L. Taylor and Harriet de Onís. The analysis focuses on the use of pronouns in the construction of situations of armed conflict and how language can be used to construct 'us *versus* them' opposition. This monograph draws on the explorations on previous research of Maia (1998) and Barbara and Gouveia (2004). Both of them analyze the use of personal pronouns. With respect to the construction of collective identities and conflict, this monograph establishes dialogues with Leudar, Marsland and Nekvapil (2004) and Bar-Tal (2011). The AntConc software was used for data collection. Among the findings, the predominance of ellipses of the pronouns in Portuguese can be highlighted. The findings show ellipsis of the pronoun 'nós' in 88.7% and explicit use of the some pronoun in 11.3% of the cases. Regarding the position of the explicit pronoun, it was found that 100% of the pronoun 'nós' and 73.7% of the pronoun 'eles' occurred before the verb. Considering the structure of the English language, we also highlight the explicit use of the pronouns 'we' and 'they'. In the construction of collective identities, the data do not corroborate our initial expectations of the monograph. The semantic prosodies are not unanimous in relation to negative prosody for the hostile group or positive prosody for allied groups.

**Key-Words:** Translation Studies; Translation and Conflict; Corpus Linguistics; Construction of Collective Identities; *Grande Sertão: Veredas*||*The devil to pay in the backlands*.

## RESUMEN

Este trabajo de grado tiene por objetivo un análisis de los usos de los pronombres personales 'nós' y 'eles' en el portugués brasileño del corpus paralelo ficcional *Grande Sertão: Veredas*, escrito por Guimarães Rosa, y un análisis de los pronombres 'we' y 'they' de su única traducción inglesa *The devil to pay in the backlands*, traducido por James Taylor y Harriet de Onís. El análisis busca comprender el uso de los pronombres en la construcción de situaciones de conflictos armados y busca entender cómo el lenguaje puede ser utilizado para construir una contraposición 'nosotros versus ellos'. Este trabajo de grado dialoga con las investigaciones de Maia (1998) y Barbara y Gouveia (2004). Estos autores analizan el uso de los pronombres personales. Con respecto a la construcción de identidades colectivas y conflictos, el trabajo de grado establece diálogos con Leudar, Marsland y Nekvapil (2004) y Bar-Tal (2011). Para la recopilación de datos, se utilizó el *software AntConc*. Entre los resultados obtenidos, se constató la elipse del pronombre 'nós' en portugués con el 88,7% contra el 11,3% del uso del pronombre explícito. En lo que se refiere a la posición pronominal de los casos del pronombre explícito, el pronombre 'nós' se encuentra 100% en la posición ante el verbo y en el pronombre 'eles', el 73,7% de los casos el pronombre se encuentra en la posición ante el verbo. En el inglés, considerando la estructura del idioma, se destaca también el uso explícito de los pronombres 'we' y 'they'. En la construcción de identidades colectivas, los datos no corroboran con las expectativas iniciales del trabajo y no son unánimes las asociaciones de las prosodias negativas para el grupo hostil ni para prosodias positivas a los grupos aliados.

**Palabras clave:** Estudios de la Traducción; Traducción y Conflicto; Lingüística de Corpora; Construcción de Identidades Colectivas; *Grande Sertão: Veredas*||*The devil to pay in the backlands*.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura1</b> –Capa <i>The devil to pay in the backlands</i> (1963).....	24
<b>Figura 2</b> - Tela do <i>AncConc</i> . Levantamento das linhas de concordância do pronome 'nós' na desinência '-amos' através da função <i>Regex</i> .....	33
<b>Figura 3</b> - Tela do <i>AncConc</i> . Levantamento das linhas de concordância do pronome 'we' através da função <i>words</i> .....	35
<b>Figura 4</b> - Tela do <i>AncConc</i> . Levantamento das linhas de concordância do pronome 'eles' através da função <i>words</i> . .....	37
<b>Figura 5</b> - Tela do <i>AncConc</i> . Levantamento das linhas de concordância do pronome 'they' através da função <i>words</i> .....	39

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Traduções de <i>Grande Sertão Veredas</i> para outros idiomas.....	26
<b>Quadro 2</b> - Exemplo de classificação dos dados do pronome 'nós' no corpus <i>Grande Sertão: Veredas</i> .....	34
<b>Quadro 3</b> - Exemplo de classificação dos dados do pronome 'we' no corpus <i>The devil to pay in the backlands</i> .....	35
<b>Quadro 4</b> -Exemplo de classificação dos dados do pronome 'eles' no corpus <i>Grande Sertão: Veredas</i> .....	38
<b>Quadro 5</b> - Exemplo de classificação dos dados do pronome 'they' no corpus <i>The devil to pay in the backlands</i> .....	39

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Total de desinências investigadas do pronome 'nós' .....	41
<b>Tabela 2</b> - Resultados da classificação quanto à realização pronominal do 'nós' (Elidida e Explícita) .....	44
<b>Tabela 3</b> - Classificação em relação à posição pronominal (anteposto ou posposto) do pronome 'nós' .....	44
<b>Tabela 4</b> - Resultado da análise do pronome 'we' do corpus <i>The devil to pay in the backlands</i> . 45	
<b>Tabela 5</b> - Total de desinências investigadas do pronome 'eles' .....	46
<b>Tabela 6</b> - Resultado da investigação do pronome 'eles' dos casos em que se configuram ou não em oração. ....	47
<b>Tabela 7</b> - Resultado da investigação do pronome 'eles' dos casos em que se configuram ou não como sujeito oracional. ....	47
<b>Tabela 8</b> - Resultados dos dados obtidos da posição pronominal do 'eles' .....	48
<b>Tabela 9</b> - Resultado dos dados encontrados da posição pronominal do 'they' no corpus <i>The devil to pay in the backlands</i> . ....	48
<b>Tabela 10</b> - Resultados da classificação dos grupos encontrados na análise do pronome 'eles' do corpus <i>Grande Sertão: Veredas</i> . ....	56

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	13
1. <i>GRANDE SERTÃO: VEREDAS</i> .....	16
1.1 SOBRE O AUTOR .....	16
1.2 CARACTERÍSTICAS DA OBRA E O ESTILO ROSIANO .....	18
1.3 <i>GRANDE SERTÃO: VEREDAS</i> TRADUZIDO .....	21
1.4 PUBLICAÇÕES DA OBRA.....	25
2. ANÁLISE DOS PRONOMES NO CORPUS.....	27
2.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	27
2.2 CORPUS E MÉTODO DE PESQUISA .....	30
2.3 ESTRUTURA DA PESQUISA E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE .....	32
3. ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÕES .....	41
3.1 O USO DOS PRONOMES ‘NÓS’ E ‘WE’ .....	41
3.2 O USO DOS PRONOMES ‘ELES’ E ‘THEY’ .....	45
3.3 ANÁLISE SINTÁTICA E COMPARATIVA DOS PRONOMES .....	49
3.3.1 Comparação dos resultados com os dados de Maia (1998).....	49
3.3.2 Reflexão acerca do uso dos pronomes .....	51
3.4 O USO DOS PRONOMES NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES COLETIVAS ...	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	63
ANEXOS .....	66
ANEXO A – Termo de Compromisso de Originalidade .....	66
ANEXO B- Carta de Guimarães Rosa a Lenice Guimarães de Paula Pitanguy .....	67
ANEXO C – Trecho da entrevista de Guimarães Rosa a Günter Lorenz .....	69

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta uma extensão de pesquisa iniciação científica “O uso dos pronomes pessoais ‘nós’ e ‘eles’ e a construção de identidades coletivas no corpus paralelo *Grande Sertão: Veredas*||*The devil to pay in the backlands*”, desenvolvida no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica com apoio da Universidade Federal da Paraíba, bem como um amadurecimento do artigo científico “O uso dos pronomes ‘nos’ e ‘we’ e a construção de identidades coletivas no corpus paralelo *Grande Sertão Veredas*|| *The devil to pay in the backlands*” publicado pela *Revista Belas Infiéis*.

O trabalho está inserido no campo disciplinar dos Estudos da Tradução e busca, com o aporte da Linguística de Corpora, analisar o uso dos pronomes pessoais ‘nós’ e ‘eles’ e ‘we’ e ‘they’ respectivamente na língua portuguesa e na língua inglesa, no corpus paralelo bilíngue constituído pelo *Grande Sertão Veredas*, escrito por Guimarães Rosa, e de sua única tradução para o inglês até a presente data, *The devil to pay in the backlands*, traduzido por James L. Taylor e Harriet de Onís.

Dito isto, o trabalho tem como objetivo investigar os pronomes postos diante de uma relação tradutória e visa compreender os processos de construção de identidades coletivas através da linguagem. O trabalho se justifica por contribuir para a compreensão dos pronomes pessoais, e, apoia nas propostas de Leudar, Marsland e Nekvapil (2004) e Butt, Lukin e Matthiessen (2004), buscando procurar mostrar como a linguagem pode ser utilizada para construir uma contraposição ‘nós *versus* eles’ em uma relação de conflito armado, e um exemplo disto seria a utilização de uso de recursos textuais (teóricos e discursivos), para convencer a sociedade sobre a necessidade de atacar o inimigo.

Sob uma perspectiva léxico gramatical, o trabalho irá dialogar com Maia (1998). Será realizada uma comparação de resultados, levando em conta a posição pronominal (anteposta e posposta ao verbo) e realização explícita ou elíptica do pronome. Juntamente com Maia (1998), também será realizada uma comparação de dados e será feita uma reflexão acerca dos pronomes dialogando com Barbara e Gouveia (2010) que apresentam um trabalho sobre a investigação do uso dos pronomes no português brasileiro.

Para a construção de identidades coletivas, também será feita uma análise das prosódias semânticas associadas aos pronomes, bem como a dêixis do pronome. A

pesquisa também se apoia no trabalho de Bar-Tal (2011) que investiga as relações de conflito entre grupos sociais.

Para a realização da coleta de dados, foi utilizado o *software AntConc*, que é um *software* que se encontra disponível gratuitamente na internet e que foi criado por Laurence Anthony. O *AntConc* é uma ferramenta que podemos coletar e analisar o corpus através de linhas de concordância, permite visualização de ocorrências de palavras, e permite a manipulação e a organização das informações contida no corpus. Através do *AntConc*, foram realizadas as buscas dos resultados através da função *Concordance*, no qual foram analisadas as listagem de palavras através de linhas de concordância em um formato visualmente acessível.

Em relação aos capítulos, o trabalho encontra-se dividido em três partes:

Na primeira parte, será feita uma análise da obra *Grande Sertão: Veredas*, bem como serão apresentadas informações sobre Guimarães Rosa, sua história de vida, entrevistas e fatos que levaram o autor escrever *Grande Sertão: Veredas*. Abordaremos a complexidade da obra, bem como o estilo inovador que envolve a linguagem rosiana, a criação de palavras e o regionalismo que Guimarães Rosa utiliza na obra. Em seguida, iremos fazer uma comparação com a sua única tradução para o inglês, *The devil to pay in the backlands* que é bastante criticada por alguns autores por não explorar recursos de criatividade lexical de forma análoga ao original, e serão mostradas as demais publicações e traduções de *Grande Sertão: Veredas* nas outras línguas.

O segundo capítulo irá analisar o uso dos pronomes ‘nós’ e ‘eles’ na língua portuguesa e na língua inglesa no corpus paralelo composto por *Grande Sertão: Veredas* e de sua tradução, bem como os procedimentos realizados para a coleta dos dados. Serão mostrados os passos utilizados no *AntConc*, as expectativas iniciais da pesquisa, a listagem de palavras e os teóricos que tratam da análise e reflexão dos pronomes e da construção de identidades coletivas.

O terceiro capítulo versará sobre os resultados dos dados dialogando e comparando com os resultados obtidos por Maia (1998) e fazendo uma reflexão sobre o uso dos pronomes em língua portuguesa juntamente com o trabalho de Barbara e Gouveia (2004). Após a discussão com os resultados obtidos, o trabalho passará a discutir sobre a construção de identidades coletivas. Serão analisadas as prosódias semânticas associadas aos pronomes ‘nós’ e ‘eles’ na língua portuguesa e na língua inglesa, bem como a dêixis do pronome, buscando entender as investigações do conflito por meio da linguagem e como diferentes partes em um conflito armado se constroem e

contrapõem a partir do uso destes pronomes.

Por fim, serão apresentadas as considerações finais, as conclusões sobre a perspectiva léxico-gramatical e sobre o que os resultados dizem em relação à prosódia semântica associada aos pronomes e possíveis trabalhos futuros acerca do tema.

## 1. GRANDE SERTÃO: VEREDAS

“– Nonada. Tiros que o Senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja. Alvejei mira em árvores no quintal, no baixo do córrego. Por meu acerto. Todo dia isso faço, gosto; desde mal em minha mocidade.”

Guimarães Rosa

### 1.1 SOBRE O AUTOR

João Guimarães Rosa nasceu em Cordisburgo, no Estado de Minas Gerais, em 27 de junho de 1908, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 19 de novembro de 1967. Formou-se em medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais, no ano de 1930, e em 1934, prestou concurso para o Itamarati, na cidade de Rio de Janeiro, no qual obteve o segundo lugar e tornou-se diplomata. Falante de diversas línguas, Guimarães Rosa aprendeu a falar outros idiomas desde cedo e tinha domínio em português, alemão, francês, inglês, espanhol, italiano, esperanto e possuía conhecimento em diversos outros idiomas. Em uma entrevista concedida para sua prima, Lenice Guimarães Paula Pintagy, o autor menciona seu conhecimento em idiomas e a importância do estudo em outras línguas para a compreensão do idioma nacional:

Falo: português, alemão, francês, inglês, espanhol, italiano, esperanto, um pouco de russo; leio: sueco, holandês, latim e grego (mas com o dicionário agarrado); entendo alguns dialetos alemães; estudei a gramática: do húngaro, do árabe, do sânscrito, do lituânio, do polonês, do tupi, do hebraico, do japonês, do tcheco, do finlandês, do dinamarquês; bisbilhotei um pouco a respeito de outras. Mas tudo mal. E acho que estudar o espírito e o mecanismo de outras línguas ajuda muito à compreensão mais profunda do idioma nacional. Principalmente, porém, estudando-se por divertimento, gosto e distração. (ROSA, 2006.)<sup>1</sup>

O primeiro trabalho de Guimarães Rosa como escritor iniciou-se no ano de 1929, ainda quando o escritor era um estudante, com os contos “Caçador de camurças”, “Chronos Kai Anagke”, “O mistério de Highmore Hall” e “Makiné”, publicados em um concurso para a revista *O Cruzeiro*. Todos os contos foram premiados.

Entre as suas obras, podemos mencionar a coletânea *Magma*, que foi escrita no ano de 1936, e que levou o autor a participar de um concurso para o Prêmio de Poesia na

<sup>1</sup>Entrevista dada por Guimarães Rosa a sua prima, Lenice Guimarães Paula Pintagy. A entrevista foi feita através de carta no qual Guimarães Rosa enviou respostas ao questionário de sua prima em razão de uma tarefa escolar. Encontra-se disponível em: <http://goo.gl/rEyqFy> Último acesso em: 16 out 2017.

Academia Brasileira de Letras, onde conquistou o segundo lugar. A coletânea *Magma* só foi publicada 61 anos depois, em 1997. Em seguida, mencionamos a obra *Sagarana* (1946), que apresenta a paisagem mineira através de uma temática regionalista, possuindo novos vocábulos, neologismos, arcaísmos e rimas. A publicação de *Saragana* garantiu ao autor um lugar privilegiado na literatura brasileira. Em consequência, após uma longa viagem ao Mato Grosso, Guimarães Rosa escreveu a obra *Com o vaqueiro Mariano* (1947), no qual o autor entrou em contato com cenários e histórias que mais tarde seriam recriadas na obra *Grande Sertão: Veredas*, objeto do presente estudo. Em seguida, Guimarães Rosa publicou as obras *Corpo de Baile* (1956); *Grande Sertão: Veredas* (1956); *Primeiras estórias* (1962), *Tutaméia: Terceiras estórias* (1967); *Estas estórias* (1969), e *Ave, palavra* (1970).<sup>2</sup> Destas obras, *Grande Sertão: Veredas* (1956) foi a sua principal obra sendo o seu único romance escrito e de grande importância para o cenário literário brasileiro.

Guimarães Rosa realizou diversas viagens pelo interior do país, nas quais escritor entrou em contato com os cenários que iriam servir de inspiração e que mais tarde seriam descritos em suas obras. A linguagem do Sertão, a cultura, e as paisagens foram abordadas principalmente em *Sagarana* e *Grande Sertão: Veredas*, onde o escritor apresenta uma temática mais regionalista, cultural e com uma linguagem marcada por palavras populares, invenções sintáticas e semânticas e recriação da linguagem, rimas, metáforas, trazendo composições e derivações novas. Outra característica marcante de suas obras é o fato de que autor constrói textos verossímeis mesclados com elementos de crenças populares.

Durante um congresso de escritores em Gênova, em entrevista concedida ao crítico alemão Günter Lorenz<sup>3</sup>, em janeiro de ano de 1965, o autor fala do léxico utilizado em suas obras, conforme mencionamos abaixo:

Quando escrevo, repito o que já vivi antes. E para estas duas vidas, um léxico só não é suficiente. Em outras palavras, gostaria de ser um crocodilo vivendo no rio São Francisco. Gostaria de ser um crocodilo porque amo os grandes rios, pois são profundos como a alma de um homem. Na superfície são muito vivazes e claros, mas nas profundezas são tranqüilos e escuros como o sofrimento dos homens.<sup>4</sup>(ROSA, 1965)

---

<sup>2</sup>As informações sobre todas as obras de Guimarães Rosa e ano de publicação foram consultadas através do site Releituras. Disponível em: <http://www.releituras.com> Último acesso em: 22 ago 2017.

<sup>3</sup>Ver Anexo C

<sup>4</sup>Entrevista a Guimarães Rosa conduzida pelo crítico alemão Günter Lorenz, realizado na cidade de Gênova em janeiro de 1965 no Congresso de Escritores Latino Americanos. A entrevista se encontra disponível em: <http://goo.gl/agkWqh> Último acesso em: 16 out 2017.

Na mesma entrevista, o autor também conta a Lorenz sobre como começou a se tornar escritor e como ocorreu este processo de escrita, e, ainda na mesma entrevista, Guimarães Rosa fala da vida do Sertão, conforme podemos observar:

No sertão, o que pode uma pessoa fazer do seu tempo livre a não ser contar estórias? A única diferença é simplesmente que eu, em vez de contá-las, escrevia. Com isso pude impressionar, mas ainda sem perseguir ambições literárias. Já naquela época, eu queria ser diferente dos demais, e eles não souberam deixar escritas suas estórias.” (ROSA,1965)<sup>5</sup>

De acordo com Rosa (1983), Guimarães Rosa cria uma linguagem que se desprende do convencional, desenvolvida por uma “*sintaxe alforriada*” que transferia emoções. Devido a sua linguagem inovadora, Guimarães Rosa trouxe um grande legado para a literatura brasileira, e no dia 6 de agosto de 1963, foi eleito o terceiro ocupante da Cadeira 2 na Academia Brasileira de Letras, na sucessão de João Neves da Fontoura.

## 1.2 CARACTERÍSTICAS DA OBRA E O ESTILO ROSIANO

*Grande Sertão: Veredas* é uma obra escrita por João Guimarães Rosa, publicada em 1956, pela editora Olympio, e reeditada no ano de 1958. A obra faz parte do cânone da literatura brasileira, e um dos mais importantes textos do século XX, e recebeu diversos prêmios, como o Prêmio Machado de Assis em 1961, Prêmio do Instituto Nacional do Livro, o Prêmio Carmen Dolores Barbosa (1956) e o Prêmio Paula Brito (1957).

Trata-se de uma narrativa que não apresenta divisões de capítulos e que segue uma trajetória não linear, dotada de uma linguagem caracterizada por expressões linguísticas regionais e de grande repertório léxico. Assim como *Saragana*, a obra *Grande Sertão: Veredas* traz uma linguagem marcada pelo regionalismo, rimas, metáforas, arcaísmos e fabulação trazendo superstições e contando histórias que são inseridas entre outras histórias. *Grande Sertão: Veredas* traz assim como as outras obras, uma linguagem rosiana marcada por personagens que mostram a vida e a linguagem de um sertanejo, conforme menciona Machado (2011):

---

<sup>5</sup>Continuação da entrevista a Guimarães Rosa conduzida pelo crítico alemão Günter Lorenz. Disponível em:<http://goo.gl/agkWqh>

Guimarães Rosa, no âmbito da literatura brasileira, fundou uma nova língua, uma língua essencialmente rosiana, formada por neologismos, aglutinações de palavras, sentidos conferidos pela homofonia e por sons que são próprios da vida e da fauna sertanejas. (MACHADO, 2011, p.233)

A obra é um monólogo inserido no discurso dialógico que tem como cenário umsertão fictício compreendido entre Minas Gerais, Goiás e Bahia. A obra trata da história do ex-jagunço Riobaldo, também conhecido como Tatarana ou Urutu-Branco, narrador e protagonista do livro. No livro, Riobaldo narra sua história de vida para um interlocutor presente cujas expressões e manifestações verbais não são registradas, mas é possível perceber através das interferências com Riobaldo: “*Do demo? Não glosa. Senhor pergunte aos moradores. Em falso receio, desfalcam no nome dele*” (Rosa, 1994).

No primeiro momento do texto, Riobaldo, narrador e protagonista, faz várias reflexões sobre fatos de sua vida e sobre Deus e o Diabo. Após uma breve reflexão, Riobaldo conta a história de sua infância com o padrinho Selorico Mendes, e como teve contato pela primeira vez com os jagunços e com o chefe Joca Ramiro na fazenda São Gregório.

O romance lida com várias questões relacionadas as formações de grupos, lideranças, alianças e construções sociais. O grupo de jagunços que Riobaldo faz parte, por exemplo, passa por modificações de acordo com as lideranças, formações de alianças e guerras travadas no Sertão. Na primeira parte do enredo, quando Riobaldo começa a lecionar para Zé Bebelo, este convida Riobaldo para fazer parte do seu bando para acabar com os jagunços. Em seguida, Riobaldo deixa o grupo de Zé Bebelo e passa a fazer parte do bando liderado por Joca Ramiro, junto com Reinaldo, também chamado de Diadorim. Os jagunços são perseguidos por Zé Bebelo e seus homens, iniciando assim a primeira guerra narrada na obra do *Grande Sertão: Veredas*.

A partir deste ponto, a guerra passa a ser vista entre os jagunços de Joca Ramiro contra os homens de Zé Bebelo, travando muitos conflitos. Zé Bebelo após ser preso pelo Grupo de Joca Ramiro é condenado ao exílio em Goiás e insatisfeitos com a pena, Hermógenes e Ricardão traem e assassinam Joca Ramiro. A partir de então, os jagunços buscam vingança por Joca Ramiro, liderado por Medeiro Vaz que, após sua morte, acontece o retorno imprevisível de Zé Bebelo, e este passa a liderar o grupo. Mais tarde, Riobaldo tira Zé Bebelo da posição de líder e passa a liderar o grupo dos jagunços contra o grupo de Hermógenes.

A abordagem da metafísica também é feita de forma complexa no romance. O personagem Riobaldo, desconfiado do possível pacto que Hermógenes fez com Diabo, decide também fazer o mesmo pacto deixando o leitor na dúvida se este pacto foi ou não realizado até o fim da obra, e deixando também a dúvida sobre a própria existência do Diabo. Averiguamos que existe uma oscilação por parte do narrador sobre essa existência ou não do Diabo: “*Nonada. O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano.* (Rosa, 2014) e “*Bem, o diabo regula seu estado preto, nas criaturas, nas mulheres, nos homens.*” (Rosa, 2014). No primeiro exemplo, o personagem afirma que o diabo não existe, e que se existir é o próprio homem. Em outra passagem, o personagem afirma que o diabo regula as pessoas, não ligando mais ao homem e sim a algo que existe e que influencia os homens. Por fim, Riobaldo passa a liderar o grupo de jagunços até a morte do seu grande amor Diadorim, onde desiste da vida de jagunço e passa a viver em uma fazenda casando-se com Otacília.

Observamos que a história que envolve a obra *Grande Sertão: Veredas* é repleta de guerras e conflitos que marcam o grupo aliado pertencente à Riobaldo, personagem principal, e o grupo hostil que vive em constante guerra. Estas guerras que marcam a obra de Guimarães Rosa serão importantes para a análise da construção de identidades de conflito e a mobilidade dos grupos sociais que iremos analisar no terceiro capítulo do presente trabalho, no qual averiguaremos se o pronome ‘nós’ se refere na maioria dos casos ao grupo aliado e se o pronome ‘eles’ faz referência na maioria dos casos ao grupo hostil. Em seguida, analisaremos como ocorre esse conflito através da linguagem utilizada.

Conforme dito anteriormente, na obra existe uma trajetória não linear. O narrador vai alterando a história conforme vai dialogando com o interlocutor que se encontra elíptico, construindo muitas vezes histórias dentro de histórias e retornando a fatos do passado, conforme segue a narrativa e as memórias do narrador. O enredo se passa em espaço um fictício no sertão mineiro, no sul da Bahia e em Goiás. Dentre os elementos de ambientação importantes no desenvolvimento da história podemos citar o Rio São Francisco, no qual o personagem viveu grandes acontecimentos, - “*O meu Urucuia vem, claro, entre escuros. Vem cair no São Francisco, rio capital. O São Francisco partiu minha vida em duas partes.*” (Rosa, 2014) – o Liso do Suaçuarão, no qual acontece a tentativa de passagem e consequência retirada do grupo de Medeiro Vaz, - “*E a Ana Duzuza me disse, vendendo forte segredo, que Medeiro Vaz ia experimentar passar de banda a banda o liso do Suaçuarão.*” (Rosa, 2014) – e Veredas

Mortas, local do possível pacto: - “*Tem uma encruzilhada. Estradas vão para as Veredas Tortas-veredas mortas.*” (Rosa, 2014) -.

É importante mencionarmos a linguagem inovadora que o estilo rosiano traz, em seu estilo próprio na linguagem do sertanejo, conforme preceitua LEÃO (2002):

Guimarães Rosa não criou a sua linguagem do nada, nem tão pouco repetiu simplesmente o falar sertanejo. Tomou esse falar, sim, como base da sua escrita, mas o estilizou, chegando a uma linguagem original, que nos fascina pela sua beleza e funcionalidade, a tal ponto que cria, em nós, uma impressão de coisa já ouvida. (LEÃO, 2002, p.72)

Trata-se de uma linguagem essencialmente rosiana que mistura a representação da realidade com o imaginário. O texto mostra um léxico que pode ser analisado sob diferentes ângulos, bem como a construção psicológica e social da vida dos personagens, abordando as contingências humanas como o medo, a perda, o amor, a ira, e as crenças. Cândido (1994, p.122) menciona que a obra de Guimarães Rosa nos leva à psicologia do rústico, no qual ele afirma que “tudo se transformou em significado universal graças à invenção, que subtrai o livro à matriz regional para fazê-lo exprimir os grandes lugares comuns, sem as quais a arte não sobrevive: dor, júbilo, ódio amor e morte.”

Compartilhamos da opinião de Candido (1994), concordando que Guimarães Rosa recria uma linguagem dando um sentido e uma força maior aos personagens do texto e na construção narrativa do universo de *Grande Sertão: Veredas*.

### 1.3 GRANDE SERTÃO: VEREDAS TRADUZIDO

A obra *Grande Sertão: Veredas*, escrita por Guimarães Rosa, causou tanto impacto e sucesso no Brasil que foi imediatamente traduzida para diversos idiomas, tais como: alemão, catalão, dinamarquês, eslovaco, espanhol, francês, holandês, inglês, italiano, norueguês e tcheco, sendo para o idioma inglês a primeira tradução a ser publicada em 1963. Muito pode ser discutido acerca da complexidade sobre traduzir uma linguagem rosiana. Guimarães Rosa nos traz uma nova forma de abordar a linguagem marcada de neologismos, arcaísmos, e palavras que são próprias da cultura e da vida de um sertanejo, causando ao tradutor um desafio diante de sua complexidade.

No idioma inglês, a obra *Grande Sertão: Veredas* obteve o título *The devil to pay in the backlands*, e foi traduzido por James L. Taylor e Harriet de Onís, no ano de 1963, seis anos após o lançamento da obra no Brasil. Até a presente data, esta tradução

é a única tradução oficial no idioma inglês e teve grande importância para divulgação internacional do texto de Guimarães Rosa. Alves (2011) mostra que a tradução *The devil to pay in the backlands* se encontra na lista dos 100 melhores romances escritos divulgados pelo periódico *The Guardian*, sendo a única obra representante da literatura brasileira na lista.

É eminente mencionarmos que o título do romance em inglês parece destacar o possível pacto com Diabo narrado na trama. Alves (2012) discute a forma como o título em inglês retira o estranhamento que poderia causar “Sertão” para um leitor não familiarizado com a língua portuguesa. Para Alves (2012) esta tradução evita uma possível estrangeirização e causa uma domesticação na língua de chegada. Concordamos ainda com o respectivo autor no sentido de que ao trazer este título e destacando o pacto com o diabo, remete a um enredo-mestre, representando valores e medos que são comuns ao homem conforme podemos observar abaixo:

Ao trazer para o primeiro plano o pacto com o demônio, os títulos dessas traduções remetem a um enredo-mestre, ou *masterplot* em inglês – as histórias contadas, das mais diversas formas, para representar valores, desejos e medos comuns ao ser humano. (ALVES, 2012)

Embora seja a única tradução para o inglês americano, *The devil to pay in the backlands* – que pode ser traduzido como “o diabo para se pagar no interior” – a tradução é bastante criticada e contestada por não explorar recursos de criatividade lexical da linguagem rosiana.

Pedrosa (2009) aponta que a tradução eliminou grandes marcas do texto de Guimarães Rosa, já que os tradutores preferiram adotar uma linguagem estritamente formal. Para Silva (2014), a tradução possui grande falhas e mudanças raras de acertos, conforme citamos abaixo:

Por fim, *The devil to pay in the backlands* carrega as consequências de uma negociação com diversas pessoas. Guimarães Rosa participou desse processo do ato tradutório que gerou uma tradução cheia de divergências diante do original. Então, numa comparação com os trechos no original com a tradução sobressaiu uma diversidade de mudanças e simplificações em algumas instâncias raras de acertos, porém em grandes falhas. (SILVA, 2014, p.101)

É importante destacarmos ainda que o autor Guimarães Rosa, durante muito tempo, trocou cartas com os tradutores da obra *Grande Sertão: Veredas*. Em suas cartas, Rosa demonstrava sempre disposto ao diálogo com os respectivos tradutores,

porém, a tradutora Harriet de Onís relata, em uma das cartas trocadas com Rosa, as dificuldades de realizar o processo tradutório ainda no início da tradução, relatando problemas como a palavra “Sertão” e com o título conforme citamos abaixo:

Agora que estou no GRANDE SERTÃO: VEREDAS fico cada vez mais consciente de inúmeros problemas. Em relação às perguntas que eu envio, não se trata do significado real da palavra da frase, mas da nuance, ou seja, em que circunstâncias ela é usada e quem emprega. Neste ponto sua ajuda é inestimável. Gostaria que pensasse em uma tradução de título, pois isto até o momento me desconcerta. Como eu disse à Sra. Oliver, "vereda" tem muitos significados. Caso o Senhor pense em um título diferente para a versão em inglês, me avise. Na verdade, acho que devemos tentar encontrar um, porque "Sertão" é quase impossível de traduzir e não tenho certeza se seria bom manter o título.<sup>6</sup> (ONIS, 1959, p.124)

Ao fazer uma análise comparativa das duas obras, podemos observar que os tradutores optaram pelo uso de uma linguagem mais formal como, por exemplo, “*Do demo? Não glosa. Senhor pergunte aos moradores. Em falso receio, desfalcam no nome dele – dizem só: o Que-Diga. Vote!*” traduzido para “*About the devil? I have nothing to say. Ask the others around here. Like fools, they're afraid even to mention his name; instead they say the Que-Diga, the What-You-May-Call-Him.*”

Observamos que enquanto no texto em português é possível notar um processo de criação de palavras como, por exemplo, a palavra “*desfalcam*” e uma nominalização encontrada na expressão “*o que-diga*”, na tradução para a língua inglesa, não é possível notar processos similares de criatividade linguística. É importante destacarmos ainda, que a criação de palavras é uma das características principais da linguagem rosiana.

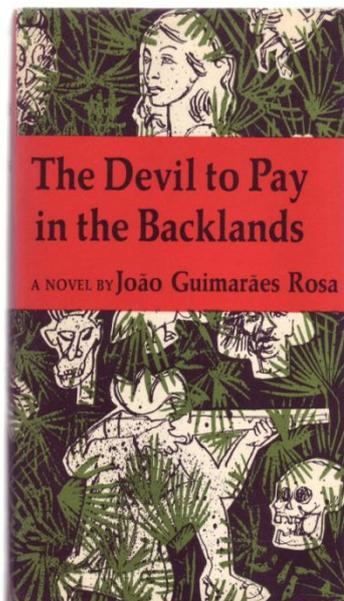
É possível também observar que alguns tipos de vegetação descritas na língua de origem foram traduzidos através do procedimento técnico de empréstimo em *The devil to pay in the backlands*, o que torna difícil compreender os critérios adotados pelos tradutores no processo tradutório. Citamos por exemplo, a frase “*foi aí que o Veraldo, que era do Serro-Frio, reconheceu uma planta, que se chamasse guia-torto, se certo suponho, mas que se chamava candeia na terra dele, a qual se acendia e prendia em forquilha de qualquer árvore...*” (Rosa, grifo nosso) traduzido na língua inglesa para “*And it was there that Veraldo, who was from Sêrro-Frio, recognized a plant which, if I*

---

<sup>6</sup>Minha tradução para o trecho: “*Now I am well into GRANDE SERTÃO: VEREDAS I become increasingly aware of manifold problems. On many of the queries I submit, it is not a question of the actual meaning of the word or phrase but of the nuance, under what circumstances it is used, who employs it. That is where your help is invaluable. I wish you would be thinking about a translation of the title which so far baffles me. As I told Mrs. Oliver, "vereda" has so many meanings. If the possibility of a different title for the English version occurs to you, do let me know. As a matter of fact, I think we should try to find one, because "Sertão" is almost impossible of translation and I'm not sure it would be a good thing to keep it in the title.*” – ROSA, Guimarães João: correspondência inédita com a tradutora norte-americana Harriet de Onís, Dissertação de mestrado VERLANGIERI, Iná Valéria Rodrigues.

*am right, is called guia-tôrto, but which in his part of the country they call candeia: you light it and set it in the fork of tree*” (Rosa, grifo nosso). Neste caso, observamos que o tradutor optou por manter a planta pelo mesmo nome contido no original, contudo podemos observar casos em que o tradutor optou por traduzir o trecho “... *assim sendo, verdade, que se chama, no sertão: é uma beira de barranco, com uma venda, uma casa, um curral e um paiol de depósito. Cereais. Tinha até um pé de roseira.*” (Rosa, grifo nosso), para “*That is how it is known in the sertão; it is on the edge of a high river bank, with a store, a house, a barnyard, and a storehouse. Grain. It evenhad a rosebush.*” (Rosa, grifo nosso), no qual “*pé de roseira*” foi traduzido para “*rosebuch*”.

Por fim, citamos outro caso em que o autor optou por omitir a palavra “*tamarindo*”, no qual no original consta “*Cheiro de campos com flores, forte, em abril: a ciganinha, roxa, e a nhúca e a escova, amarelinhas... Isto – no Saririnhém. Cigarras dão bando. Debaixo de um tamarindo sombroso... Eh, frio*” (Rosa, grifo nosso), sendo traduzido para “*The smell of flowered fields, strong, in April: the purple little gypsy, and the yellow nhúca and the broom. This, in the Saririnhém. The cicadas shrill their music. Ho, and the cold!*” (Rosa, grifo nosso), onde observamos que a palavra “*tamarindo*” foi ocultada. Após diversos diálogos com o autor e apesar das dificuldades suscitadas pelos tradutores, a obra foi finalmente publicada pela primeira vez em 1963, em Nova Iorque, pela editora Alfred Knopf, e atualmente se encontra fora de circulação no mercado.



**Figura1**–Capa*The devil to pay in the backlands* (1963)

Atualmente, a obra do *Grande Sertão: Veredas* está sendo traduzida pela

tradutora australiana Alison Entrekin, no qual, a tradutora irá oferecer uma versão mais trabalhada e queirá levar aproximadamente três anos para concluir o seu trabalho. De acordo com Bortolotti (2017), em entrevista à *Revista Época*, a tradutora avalia que a tradução realizada por Harriet de Onís para a língua inglesa *The devil to pay in the backlands* foi uma versão feita utilizando uma linguagem tradicional, sendo muito domesticadora e isto fez com que se perdesse uma das dimensões do livro. Nesta entrevista, a tradutora menciona que sua maior dificuldade é a recriação da linguagem, considerando que inglês e português, sendo diferentes línguas, dispõem de diferentes recursos para a construção de significados.

Diferentemente da obra *The devil to pay in the backlands*, no qual se traduziu a palavra na língua portuguesa “Nonada” para “*Nothing*” na língua inglesa, a tradutora Alisson Entrekin menciona que uma de suas escolhas foi traduzir “Nonada” para “*nonought*” que seria uma junção do “*no*” com “*nought*” ambas palavras arcaicas. (Bortolotti, 2017).

#### 1.4 PUBLICAÇÕES DA OBRA

Devido ao seu grande sucesso e uma linguagem inovadora, a escrita essencialmente rosiana é marcada por um léxico rico de vocábulos, fabulações, metáforas, rimas e outros elementos presentes, Guimarães Rosa teve suas obras traduzidas por vários idiomas ao redor do mundo.

Se faz mister avaliarmos as publicações da obra do *Grande Sertão: Veredas* no âmbito internacional. As informações presentes foram levantadas a partir das informações disponíveis pelo banco de dados da *Index Translationum* da UNESCO<sup>7</sup>, coletadas e organizadas por tabela. Através do *Index Translationum* levantamos informações relativas às publicações de *Grande Sertão: Veredas* em diversos idiomas. Os dados que mostraremos a seguir são colocados em ordem alfabética de idioma, título traduzido, tradutor, editora e ano de publicação:

	IDIOMA	TÍTULO TRADUZIDO	TRADUTOR	EDITORA	ANO DE PUBLICAÇÃO
1º	Alemão	<i>Grande Sertão</i>	Curt Meyer-Clason	Kiepenheuer und Witsch	1987

<sup>7</sup>*Index Translationum* é um banco de dados que contém as traduções publicadas anualmente dos países membros da UNESCO. O acesso ao *Index Translationum* se encontra disponível no endereço eletrônico: <http://www.unesco.org/xtrans/> Último acesso em set. 2017.

2º	Alemão	<i>Grande Sertão</i>	Curt Meyer-Clason	Deutscher Taschenbuch-Verlag	1992
3º	Alemão	<i>Grande Sertão</i>	Curt Meyer-Clason	Kiepenheuer und Witsch	1994
4º	Catalão	<i>Gran Sertão: riberes</i>	Xavier Pàmies	edicions 62	1990
5º	Dinamarquês	<i>DjaevelenpâVej en: roman</i>	Peter Poulsen	Gyldendal	1997
6º	Dinamarquês	<i>DjaevelenpâVej en: roman</i>	Peter Poulsen	SamlerensBogklub	1997
7º	Eslovaco	<i>Vel'káPustatina</i>	Ladislav Franek	Slovesnkýpisovatel'	1980
8º	Espanhol	<i>Gran Sertón: veredas</i>	Ángel Crespo	SeixBarral	1983
9º	Espanhol	<i>Gran Sertón:veredas</i>	Ángel Crespo	Planeta de Agostini	1985
10º	Espanhol	<i>Gran Sertón: veredas</i>	Ángel Crespo	Alianza Editorial	1999
11º	Francês	<i>Diadorim</i>	MaryvonneLapouge-Pettorelli	Albin Michel	1990
12º	Francês	<i>Diadorim</i>	MaryvonneLapouge-Pettorelli	Paris: 10-18	1965
13º	Francês	<i>Diadorim</i>	MaryvonneLapouge-Pettorelli	Albin Michel	2006
14º	Holandês	<i>Diepewildernis: de wegen</i>	August Willemsen	Meulenhoff	1995
15º	Italiano	<i>Grande Sertão</i>	Edoardo Bizzarri	Feltrinelli	1988
16º	Norueguês	<i>Den store Sertão</i>	Bård Kranstad	Denorske Bokklubbene	2006
17º	Inglês	<i>The devil to pay in the Backlands</i>	James Taylor e Harriet de Onís	Alfred A.Knopf	1963
18º	Tcheco	<i>Velká divočina: Cesty</i>	PavlaLidmilová	Dauphin, Mladáfronta	2003

**Quadro 1** - Traduções de *Grande Sertão Veredas* para outros idiomas

Através do Quadro 1 acima, podemos observar a visibilidade internacional de Guimarães Rosa bem como a repercussão mundial nas publicações de *Grande Sertão: Veredas*. De acordo com no *Index Translationum*, foram encontradas 18 traduções nas línguas: alemão, catalão, dinamarquês, eslovaco, espanhol, francês, holandês, inglês, italiano e tcheco. Através destes 18 registros, podemos observar que apenas na língua catalã e na língua inglesa houve apenas uma publicação datada nos anos de 1990 e 1963. É importante mencionarmos ainda, que o *Index Translationum* não consta a data da última atualização, e isto nos leva a incerteza se outras traduções foram publicadas até a data de finalização deste trabalho.

Tendo discutido este texto, sua complexidade e sua importância para a literatura brasileira, a próxima seção passa a discutir a análise dos pronomes ‘nós’ e ‘eles’.

## 2. ANÁLISE DOS PRONOMES NO CORPUS

### 2.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Conforme mencionamos na introdução, o presente trabalho busca compreender os processos de construção de identidades coletivas no corpus *Grande Sertão: Veredas* a partir do uso dos pronomes pessoais ‘nós’ e ‘eles’ na língua portuguesa e ‘we’ e ‘they’ na língua inglesa, sob a perspectiva sintático-semântica. Sobre o ponto de vista sintático, o presente trabalho dialoga com o trabalho de Maia (1998) que trata de uma análise do pronome ‘eu’ na língua portuguesa e ‘I’ na língua inglesa em um corpus paralelo comparável composto por textos ficcionais. Através de uma análise quantitativa de corpora eletrônicos, Maia (1998) analisa os pronomes de primeira pessoa em língua portuguesa comparando com suas respectivas traduções em inglês, explorando sua frequência e casos como função pronominal, omissão do pronome, situações em que o pronome é usado para enfatizar o falante, posição pronominal, elisão e substituição dos pronomes.

No presente trabalho, avaliamos a questão da posição pronominal nas situações que o pronome se encontra anteposto e posposto ao verbo, a função pronominal e os casos de omissão do pronome, incluindo também os casos em que o pronome se encontra explícito. A partir da coleta destes dados, comparamos com os dados do pronome pessoal ‘eu’ em língua portuguesa e do pronome ‘I’ em língua inglesa obtidos por Maia (1998), conforme veremos mais adiante.

Primeiramente, é importante destacar que em relação à omissão pronominal, Maia (1998) ressalta que na estrutura da língua inglesa o uso do pronome é obrigatório. Contudo, em português, embora possamos notar que o pronome funciona antes do verbo, o seu uso é marcado devido à forma em que o verbo se encontra e que irá indicar qual pessoa está se referindo, conforme observamos a seguir:

Em português, no entanto, embora os pronomes existam e possam funcionar antes do verbo, seu uso em contexto real é marcado porque a inflexão da forma do verbo geralmente indica a qual pessoa o verbo se refere e atribuir a ausência usual do pronome no contexto elipse é evitar o problema. (MAIA, 1998, p. 4)<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup>Minha tradução para o trecho “*In Portuguese, however, although pronouns exist and can function before the verb, their usage in actual context is marked because the inflection of the verb form usually indicates which person is being referred to anyhow, and to ascribe the usual absence of the pronoun in context to simple ellipsis is to avoid the issue.*”

Em relação à omissão pronominal, no corpus em português, e sendo comparado com a tradução do corpus em inglês, os dados da pesquisa de Maia (1998) vão mostrar uma tendência ao uso elíptico dos pronomes no corpus do romance de língua portuguesa em relação à alta frequência do uso do pronome 'T' da língua inglesa. A autora mostra que a norma é a não utilização do uso do pronome no português e não a exceção. Neste caso, os pronomes são usados quando são necessários ou a partir de uma necessidade pragmática. Contudo, quando ocorre o contrário, ou seja, o texto em português é uma tradução da língua inglesa, o texto de chegada sofrerá influência do texto fonte, e o pronome irá aparecer mais vezes, ainda com o número inferior em relação aos casos em que aparece em língua inglesa. Maia (1998) relaciona este fato a alguma peculiaridade do estilo do tradutor ou pelo fato de que as traduções tendem a ser mais explícitas que os originais.

Em sua pesquisa, Maia (1998) menciona ainda a importância do uso sistemático de corpus paralelo e comparável para que seja feita uma análise tanto qualitativa e quantitativa da complexidade da linguagem e da relevância de determinadas estruturas após consulta de grandes quantidades de linguagem que a autora considera real. Baseado nesta premissa e através de uma análise comparativa com os dados da autora, realizamos a primeira parte da pesquisa inserida no presente trabalho.

Para o estudo dos dados encontrados no presente trabalho, é necessário citarmos Barbara e Gouveia (2004), que também investigam os usos explícitos e elípticos dos pronomes pessoais na língua portuguesa. Os autores investigam partes de textos literários, analisando as funções coesivas de Referência e Elipse na língua portuguesa. Os autores adotam a Gramática Sistemico-Funcional e mencionam que a referência distingue-se de outros dispositivos gramaticais. A referência está relacionada ao nível semântico, não sendo compatível com a classe gramatical do item em que está inserida.

Em relação à referência, Barbara e Gouveia (2004) mencionam que, assim como o inglês, na língua portuguesa também ocorrem casos de referência endofórica, anafórica e catafórica, mas também ocorre a possibilidade de uma terceira referência devido à característica específica do português. Os autores mencionam também que a ausência do pronome que implanta a função do sujeito é uma questão de referência. De acordo com os autores, a elisão dos pronomes no caso de sujeito oracional não prejudica a construção de cadeias coesivas.

Outro fato importante a destacar, é que Barbara e Gouveia (2004), trazem uma nova forma de analisar a referência da língua portuguesa que pode ser considerada um

sistema funcional, conforme observamos a seguir:

Portanto, o que estamos propondo aqui é uma maneira inovadora de olhar para o fenômeno de referência em português que pode ser considerado um sistema funcional, ao contrário de outros em que linguística funcional sistêmica só está familiarizada com o modelo desenvolvido em Halliday & Hasan e, na maioria das vezes, ignorando que esse modelo é enquadrado por um modelo teórico e descritivo conhecido como gramática sistêmico-funcional. Uma forma de abordar o problema, então, é passar para descrições funcionais sistêmicas de inglês (e outras línguas) e pesquisar na língua portuguesa à luz dessas descrições. (BARBARA e GOUVEIA, 2004, p.9)<sup>9</sup>

Através das linhas de pesquisa de Maia (1998) e Barbara e Gouveia (2004), buscamos fazer uma análise investigativa do ponto de vista léxico-gramatical focando nos pronomes ‘nós’ e ‘eles’ tanto na língua portuguesa quanto na língua inglesa do corpus *Grande Sertão: Veredas* e de sua respectiva tradução *The devil to pay in the backlands*, e a partir desta investigação pronominal, averiguar como ocorre a construção de identidades coletivas nos grupos sociais. A análise linguística dos pronomes ‘nós’ e ‘eles’, a discussão sobre a construção de identidades coletivas e a relação entre grupos sociais, se justifica pelo fato que é de natureza linguística o primeiro instrumento empregado entre guerras, conforme Nascimento e Alves (2017) que cita a ideia de Butt, Lukin e Matthiessen (2004), no qual as ações que ocorrem antes dos processos de enfrentamento são de natureza linguística e um exemplo seria o uso de recursos textuais (teóricos e discursivos), para convencer a sociedade sobre a necessidade de atacar um inimigo.

Para entender a linguagem como sistema construtor da realidade e analisar como ocorre a construção de identidades coletivas e a relação de conflitos entre grupos sociais a partir dos pronomes ‘nós’ e ‘eles’ do corpus *Grande Sertão: Veredas* seguimos primeiramente a linha de pesquisa de Leudar, Marsland e Nekvapil (2004), que mostram a partir de um discurso político feito pelo presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, como recursos linguísticos podem construir uma contraposição ‘nós’ e ‘eles’, e como a divisão implícita entre ‘nós’ e ‘eles’ é realizada pelas partes em um conflito. Os autores analisam os respectivos pronomes como categorias de membros. De acordo com o trabalho de Leudar, Marsland e Nekvapil (2004), os autores analisam sobre o uso de

---

<sup>9</sup>Minha tradução para o trecho: “Therefore, what we are proposing here is novel way of looking at the phenomenon of reference in Portuguese that may be considered a functional-systemic one, as opposed to others that of systemic functional linguistics only are familiar with the model developed in Halliday & Hasan, most of the times ignoring that model is framed by a theoretical and descriptive model know as Systemic-Functional Grammar. The way to address the problem, then, is to move on to systemic functional descriptions of English (and other languages) and to research on the Portuguese language at the light of those descriptions.”

recursos discursivos de violência, ou como o ‘we’ pode ser categorizado como o grupo que sofre o ataque enquanto o ‘they’ é o grupo que pode ser constituído como o grupo inimigo. Os autores mencionam que a distinção entre o ‘we’ e ‘they’ é também vista como moral, social e política.

Destacamos ainda os conflitos enquanto fenômenos sociais, seguindo a linha de pesquisa de Bar-Tal (2012), que trata em quais rotas diferentes a identidade de grupo pode estar envolvida, como os conflitos se originam e como eles se sustentam. Seguimos a análise de Bar-Tal (2012) sobre como a definição do ‘we’ é essencial para estabelecer e manter a percepção de uma entidade de grupo que envolve a identificação entre os membros do grupo.

A partir destes autores, buscamos analisar os pronomes ‘nós’ e ‘eles’ presentes no corpus do *Grande Sertão: Veredas*, sob uma perspectiva sintático-semântica, para mostrar a linguagem como um sistema que constrói uma realidade. Seguindo as linhas propostas pelos trabalhos de Leudar, Marsland e Nekvapil (2004) e Bar-Tal (2012), entendemos que ‘nós’ e ‘eles’ podem nos trazer questionamentos em relação às relações de conflitos entre grupos sociais, e como o uso da linguagem através destes pronomes podem causar um possível confronto entre grupos distintos.

## 2.2 CORPUS E MÉTODO DE PESQUISA

Conforme mencionamos anteriormente, o presente trabalho busca investigar o uso dos pronomes ‘nós’ e ‘eles’ sob uma perspectiva léxico-gramatical do corpus paralelo bilíngue da obra *Grande Sertão: Veredas* e de sua única tradução para a língua inglesa *The devil to pay in the Backlands*.

A pesquisa adota um método de investigação baseado na Linguística de Corpora, é uma área da linguística que tem interfaces como campo dos Estudos da Tradução. De acordo com Sardinha (2000), a Linguística de Corpora está relacionada com a coleta e exploração dos corpora e se dedica à exploração da linguagem por meio de evidências empíricas. Os textos são autênticos, disponíveis em formato eletrônico e são analisados através de ferramentas que possibilitam uma análise quantitativa e qualitativa mais precisa.

Segundo Bowker (2001), o corpus eletrônico se refere a textos que são legíveis, analisados através do computador e que são coletados de acordo com critérios específicos. O corpus é selecionado como fonte de dados para pesquisas linguísticas

conforme menciona Wynne (2005):

Um corpus é uma coleção de instâncias de uso da linguagem em formato eletrônico, selecionados de acordo com critérios externos para representar, na medida do possível, uma língua ou uma variedade de línguas como fonte de dados para pesquisas linguísticas. (WYNNE, 2005, p.23)<sup>10</sup>

Para realizarmos a pesquisa do presente trabalho utilizamos o *software AntConc* (ANTHONY, 2011). O *AntConc*, é uma ferramenta criada por Laurence Anthony que se encontra disponível gratuitamente na internet e que é utilizada para fazer buscas e análise de corpora. A escolha da ferramenta *AntConc* se justifica pelo fato do *software* ser gratuito, ser uma ferramenta já conhecida no meio acadêmico e pela facilidade de uso de várias funções em uma mesma interface.

Entre os vários recursos que podemos encontrar na ferramenta *AntConc* neste trabalho, utilizamos as funções do *wordlist*<sup>11</sup> onde encontrados os *types* e *tokens*, no qual o primeiro permite o usuário verificar quantas palavras diferentes existem no corpus, e o segundo com que frequência estas palavras irão aparecer. Outra ferramenta importante que utilizamos foi o concordanciador, que permite retirar todas as ocorrências através de uma busca específica nas linhas de concordância, no formato KWIC (*Key word in context* ou ‘palavra-chave no contexto’), este que, conforme preceitua Bowker (2001), exhibe uma ocorrência por linha, no qual o termo procurado irá aparecer na tela em destaque.

O corpus desta pesquisa que trata da obra *Grande Sertão: Veredas* e de sua tradução para a língua inglesa será analisado de forma quantitativa – número de ocorrências encontradas – assim como será investigado o uso dos pronomes ‘nós’ e ‘eles’ através de linhas de concordância.

Uma das vantagens da utilização da Linguística de Corpora é o fato de que, de acordo com as palavras de Sardinha (2000, p.15-16) “a linguagem é organizada de um modo muito mais complexo do que se imaginava”, e através das ferramentas de análise de corpora podemos ter, de acordo com Bowker (2001), uma visão geral dos textos e simultaneamente podemos analisar vários padrões linguísticos e conceituais que não são fáceis de detectar em recursos impressos isolados.

---

<sup>10</sup>Minha tradução para o trecho: “A corpus is a collection of pieces of language text in electronic form, selected according to external criteria to represent, as far as possible, a language or language variety as a source of data for linguistic research.”

<sup>11</sup>Função que permite a listagem de palavras no *AntConc*.

A análise através da Linguística de Corpora facilita na identificação de padrões mais complexos de linguagem e na obtenção de resultados mais precisos e objetivos baseados em fatos concretos, em cima de dados coletados a partir de critérios pré-determinados.

### 2.3 ESTRUTURA DA PESQUISA E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Conforme mencionamos anteriormente, o presente trabalho busca analisar o uso dos pronomes ‘nós’ e ‘eles’ em um corpus paralelo ficcional bilíngue não alinhado do *Grande Sertão: Veredas* e de sua tradução para a língua inglesa *The devil to pay in the backlands*, visando analisar como os pronomes são utilizados para construir identidades coletivas em um conflito armado. A forma de análise utilizada se deu de forma diferente para cada componente do corpus, pois buscamos respeitar as características de cada língua, sistema e cada componente do corpus. Foram levantadas as desinências verbais e, em seguida, os resultados foram filtrados, organizados e investigados através de uma planilha eletrônica do *Microsoft Excel*, seguindo a proposta de Alves e Assis (2016).

Através da ferramenta *wordlist* no *software AntConc*, o primeiro passo foi investigar a quantidade de *types e tokens* existentes no corpus português *Grande Sertão: Veredas* e do corpus inglês *The devil to pay in the backlands*. De acordo com os resultados obtidos pelo *AntConc*, verificamos que o corpus do *Grande Sertão: Veredas* possui um total de 19.026 *types* e 190.029 *tokens* e no corpus inglês encontramos um total de *types* 11.978 e 209.811 *tokens*.

Em seguida, o segundo passo foi analisar os dados relativos aos pronomes ‘nós’ de língua portuguesa do corpus *Grande Sertão: Veredas*. Para isto, buscamos primeiramente investigar todas as desinências verbais do pronome pessoal ‘nós’ no corpus português. De acordo com Azeredo (2000, p.71), “desinência é o morfema gramatical que se coloca após o tema do vocábulo para indicar suas variações morfossintáticas”. Mencionamos a importância da análise das desinências verbais para o presente trabalho, pois, a partir destas desinências podemos averiguar tanto os casos que o pronome se encontra elíptico ou explícito conforme veremos mais adiante.

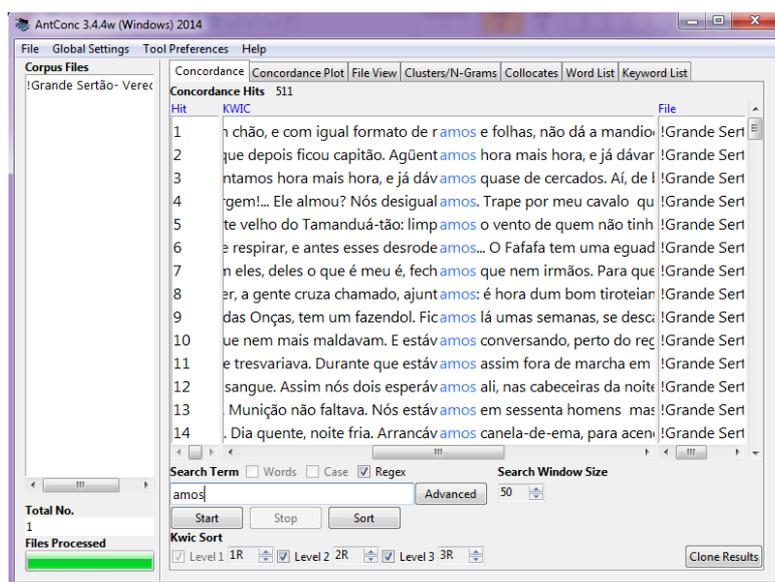
As desinências verbais foram investigadas através de linhas de concordância no *software AntConc*, através da função *regex*<sup>12</sup> que pode ser encontrada na ferramenta *Concordance* (ferramenta que busca todas as ocorrências de uma determinada busca).

---

<sup>12</sup>Função de levantamento por terminações de palavras

Com relação ao pronome ‘nós’ foram realizadas as buscas das seguintes desinências em todas as conjugações temporais: “-amos”, “-emos”, “-imos”, “-omos”, “-armos”, “-ermos”, “-irmos” e “-ormos”.

As desinências foram investigadas através do formado *KWIC*<sup>13</sup>, e através destas foram encontradas um total 795 desinências do corpus *Grande Sertão:Veredas*. Na desinência verbal “-amos” foram encontrados um total de 511 desinências verbais conforme podemos observar na figura a seguir:



**Figura 2** - Tela do *AncConc*. Levantamento das linhas de concordância do pronome 'nós' na desinência '-amos' através da função *Regex*

Conforme podemos observar acima, a Figura 2 nos mostra o levantamento das linhas de concordância através do *AntConc*. A análise acima mostra a investigação da primeira desinência verbal investigada que se refere ao “-amos” do pronome nós.

A investigação foi feita através da função *Regex* do *AntConc*. Os dados acima nos mostram um total de 511 desinências encontradas para o ‘-amos’ e somando com as demais desinências “-emos”, “-imos”, “-omos”, “-armos”, “-ermos”, “-irmos” e “-ormos” respectivamente, a busca resultou um total de 795 desinências do corpus *Grande Sertão: Veredas*. Dito isto, procuramos conferir se os nódulos das linhas de concordância eram verbos ou não e investigamos apenas os casos em que o pronome se encontra em função de sujeito oracional.

Em seguida, os dados foram transferidos para serem organizados e classificados

<sup>13</sup>Em inglês ‘Key word in context’ ou ‘palavra-chave no contexto’ em português.

na planilha eletrônica do *Microsoft Excel*. Os dados foram investigados e classificados em verbos em relação à realização do pronome (explícito ou elíptico), à posição pronominal (anteposto ou posposto ao verbo), identificação do dêitico (para saber a qual grupo o pronome ‘nós’ se refere) e por fim, pela prosódia semântica (negativa, positiva ou neutra), conforme exemplificado no Quadro 2 a seguir:

Linha de concordância	Realização do pronome	Posição Pronominal	Identificação (Dêitico)	Prosódia Semântica
“Mas, nós, nesse entrequanto, rompemos o arvoredo, aqui e ali, rojamos para baixo, embora, mesmo.”	Explícito	Anteposto	Grupo de Jagunços de Riobaldo	Negativa (situação de guerra)

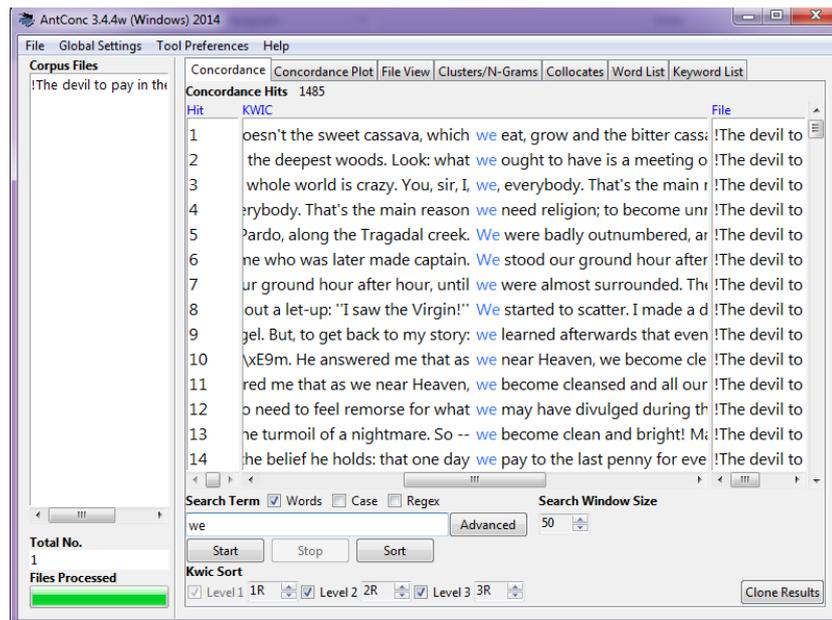
**Quadro 2** - Exemplo de classificação dos dados do pronome 'nós' no corpus *Grande Sertão: Veredas*

No Quadro 2 acima, podemos observar um exemplo de classificação dos dados encontrados com o levantamento das linhas de concordância obtidas através do *AntConc*. Mencionamos o exemplo com a desinência “-emos” através da palavra “rompemos” citada acima. Em seguida, a classificação através da realização do pronome, posição pronominal, dêiticos e prosódia semântica.

No caso mencionado, observamos que o pronome se encontra explícito (realizado), em posição anteposta ao verbo, identificado como o grupo de jagunços no qual o personagem principal está inserido, e por fim, a prosódia semântica negativa, pois se refere à situação de conflito.

Em relação ao pronome ‘we’, na língua inglesa, do corpus *The devil to pay in the backlands*, realizamos um procedimento diferente devido às características e particularidades da língua.

Diferentemente da análise do ‘nós’, do corpus português de *Grande Sertão: Veredas* no corpus da língua inglesa, *The devil to pay in the backlands*, não ocorre o fenômeno da elisão pronominal e por isso, o levantamento de dados através das linhas de concordância foi feito através de buscas pelo pronome ‘we’ pela função ‘words’ através do *Concordance* do software *AntConc*, conforme observamos na Figura 3 a seguir:



**Figura 3-** Tela do *AntConc*. Levantamento das linhas de concordância do pronome 'we' através da função *words*

Conforme mostrado na Figura 3 acima, o levantamento de linhas de concordância pelo *AntConc* foi feito através da função *words*. Observamos que foi encontrado um total de 1.485 linhas de concordância que assim como o pronome 'nós' no corpus português, foram filtrados, classificados e investigados através da planilha eletrônica do *Microsoft Excel*.

Conforme mencionamos anteriormente, foram respeitadas as características lingüísticas de cada componente do corpus e no corpus inglês foi realizado um método diferente. No corpus *The devil to pay in the backlands*, os dados foram classificados e analisados por linhas de concordância, posição pronominal, identificação do dêitico e prosódia semântica, conforme podemos observar no Quadro 3 a seguir:

Linha de concordância	Posição Pronominal	Identificação (dêitico)	Prosódia semântica
"For that reason <u>we</u> all obeyed. We carried out our orders, in tears or laughter, through thick and thin."	Anteposto	Grupo de Jagunços de Medeiro Vaz que Riobaldo faz parte.	Positiva. (Obediência ao grupo)

**Quadro 3** - Exemplo de classificação dos dados do pronome 'we' no corpus *The devil to pay in the backlands*

Conforme podemos observar no Quadro 3 acima, os dados foram investigados através das linhas de concordância (todas as buscas realizadas pelo pronome 'we' da língua inglesa), em seguida pela posição pronominal (anteposto ou posposto ao verbo), identificação do dêitico (a qual grupo o pronome da língua inglesa 'we' se refere) e a

prosódia semântica (positiva, negativa ou neutra).

De acordo com Sardinha (2004) a prosódia semântica é um tipo de padrão importante para a tradução. Para Sardinha (2004, p. 236), prosódia semântica se refere à “associação recorrente entre itens lexicais e um campo semântico, indicando uma certa conotação (negativa, positiva ou neutra) ou instância avaliativa.” O autor menciona que a prosódia semântica é importante para o entendimento da tradução, pois não consta em dicionários e que a comparação de prosódias semânticas em duas línguas pode contribuir para questões de adequação a itens equivalentes.

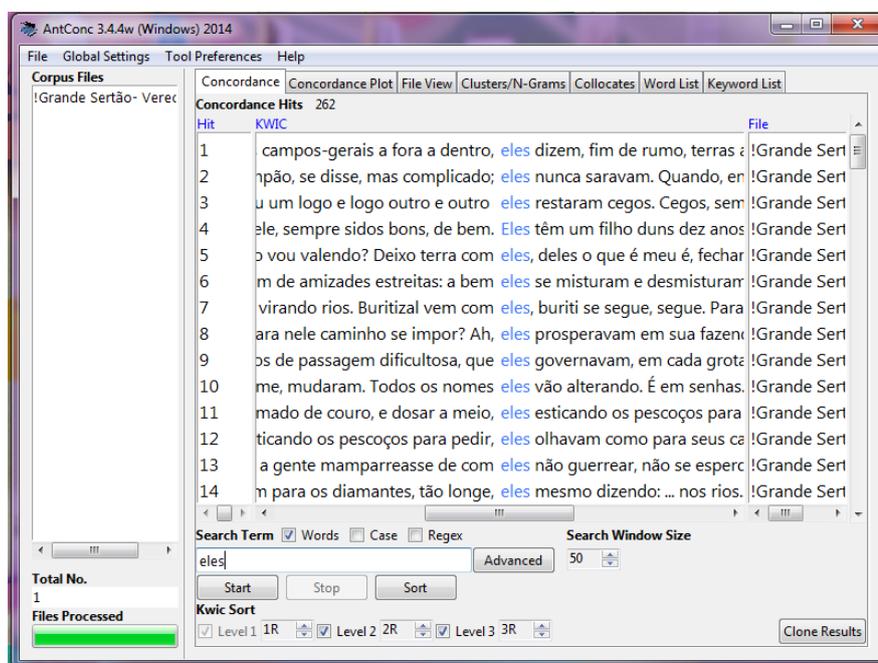
Silva, Vasconcellos e Fernandes (2009), mencionam que as prosódias semânticas consistem na avaliação de itens lexicais em razão da proximidade ou repetição consistente desses itens com outros itens lexicais em determinadas situações pragmáticas. De acordo com os autores, através das observações de padrões que se referem as prosódias semânticas traz a possibilidade de descrever a construção de um personagem ao longo de uma breve história. Os autores também mencionam que as escolhas no nível da palavra vão depender da escolha do contexto a que estão relacionados, podendo se relacionar a padrões de co-ocorrência que podem afetar uma parte do texto mudando seu sentido. Segundo Louw (2000) a função primária da prosódia semântica se refere à expressão da atitude de seu falante ou escritor em relação a uma situação pragmática. Tratando-se da análise do presente trabalho sobre conflitos entre grupos e a construção de identidades coletivas, mencionamos que a análise das prosódias semânticas neste trabalho se relaciona a a questão da posição a partir da qual analisamos que é influenciada pelas formas como o narrador constrói/apresenta a história)

No exemplo acima em questão, o pronome se encontra na posição anteposta ao verbo. Na identificação do dêitico, o pronome pessoal ‘we’ se refere ao grupo de Jagunços do qual Riobaldo faz parte e tem como prosódia semântica positiva, pois se refere a uma obediência ao grupo claramente aliado em uma situação de guerra, e no qual ‘tears’ é relacionado a alegria.

A seguir, partimos para o processo de análise do pronome pessoal ‘eles’ do corpus *Grande Sertão: Veredas*. No caso do pronome ‘eles’, a expectativa inicial era que o número de desinências levantado fosse um número de linhas de concordância aproximado do que foi encontrado na análise do pronome ‘nós’. Contudo, a busca através das desinências verbais tornou-se superior ao número esperado e foi feita uma opção por delimitação. Ao analisarmos as primeiras desinências verbais encontradas da

língua portuguesa do pronome ‘eles’ que, de acordo com a gramática é a desinência “am”, o *AntConc* mostrou um resultado de 5.213 linhas de concordância.

Em seguida, ao avaliarmos a desinência verbal ‘em’, o *Antconc* também se mostrou superior ao esperado, com um total de 7.862 resultados. Foram também averiguadas as demais desinências verbais a seguir: “aram”, “arão”, “ariam” “assem”, “avam”, “eram”, “erão”, “erem”, “eriam” “essem”, “iam”, “iram”, “irão”, “irem” e “issem” resultando em 2.214 linhas para análise, totalizando todas as desinências em um número de 15.211 linhas de concordância para serem investigadas. Optamos por analisar apenas os casos em que o pronome ‘eles’ aparece de forma explícita e para isto, utilizamos a função ‘word’ no *Concordance* do software *AntConc*, conforme podemos observar na figura abaixo:



**Figura 4-** Tela do *AntConc*. Levantamento das linhas de concordância do pronome 'eles' através da função *words*.

Conforme citamos anteriormente e podemos observar na Figura 4 acima, no caso do pronome ‘eles’, foram analisados apenas os casos explícitos devido ao elevado número de resultados das desinências verbais. A partir disto, podemos observar que foram encontradas 262 linhas de concordância para serem analisadas. A investigação foi feita através do *AntConc* utilizando a ferramenta *Concordance* na função *words*. Assim como ocorreu na análise dos pronomes ‘nós’ do corpus língua portuguesa e ‘we’ do corpus de língua inglesa, os dados foram analisados, classificados e contados em uma planilha eletrônica através do programa *Microsoft Excel*.

Após a análise das desinências verbais que, conforme citamos anteriormente, constatamos que a quantidade de dados foi muito superior ao esperado para este estágio da pesquisa, e, por isso, foi feita opção por uma delimitação, deixando a análise da totalidade dos dados para futuras investigações.

Em seguida, foram filtrados os casos em que a estrutura encontrada na linha de concordância era oração, e depois, foi feita uma segunda tabela para delimitar função do pronome (dividido em “sujeito” e “não sujeito”), posição pronominal (anteposto e posposto ao verbo), identificação do dêitico e por fim, a prosódia semântica (positiva, negativa ou neutra) conforme podemos observar no exemplo no quadro abaixo:

<b>Linha de Concordância</b>	<b>Delimitação</b>	<b>Função do pronome ‘eles’</b>	<b>Posição Pronominal</b>	<b>Identificação do dêitico</b>	<b>Prosódia semântica</b>
Meus jagunços esperavam a certa decisão: aí <u>eles</u> nem me olhavam. – “Maximé...” – eu disse.	Oração	Sujeito	Anteposto	Grupo de jagunços claramente aliado de Joca Ramiro	Positiva. Situação de obediência e hierarquia perante ao líder.

**Quadro 4** - Exemplo de classificação dos dados do pronome ‘Eles’ no corpus *Grande Sertão: Veredas*

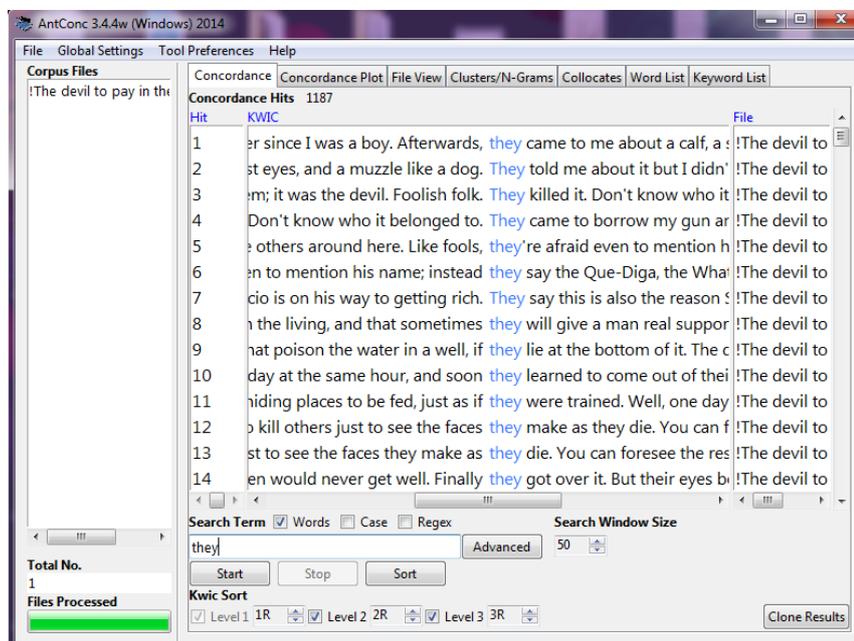
O Quadro 4 acima nos mostra um exemplo de classificação de como foi feita a filtragem, contagem e análise dos dados do pronome ‘eles’ no corpus *Grande Sertão: Veredas*.

Conforme observamos o Quadro 4 acima, os dados foram organizados por linha de concordância, delimitação, função do pronome ‘eles’, posição pronominal, identificação do dêitico e prosódia semântica. De acordo com o exemplo de linha investigada, o pronome ‘eles’ do corpus português está em oração, tem função de sujeito, se encontra em posição pronominal anteposta ao verbo e possui a prosódia semântica positiva.

Por fim, o último pronome analisado foi o pronome do corpus da língua inglesa *The devil to pay in the backlands*. Conforme já foi dito anteriormente, utilizamos um método diferente para cada componente do corpus, respeitando as características individuais de cada componente do corpus.

No caso do pronome ‘they’, seguimos o modelo anteriormente citado do pronome ‘we’, ou seja, analisamos apenas os casos em que o pronome se encontra explícito, pois, conforme observamos, na língua inglesa não ocorre a elisão pronominal.

Os dados foram analisados através do software *AntConc*, pela ferramenta *Concordance* e pela função *words*, conforme mostramos na figura abaixo:



**Figura 5** - Tela do *AntConc*. Levantamento das linhas de concordância do pronome 'they' através da função *words*

Conforme mostramos na Figura 5 acima, o levantamento das linhas de concordância do pronome 'they', do corpus da língua inglesa, foi feito apenas nos casos em que o pronome se encontra explícito. Foi usada a ferramenta *Concordance* através da opção 'words' no *AntConc*. Foram levantadas 1.187 linhas de concordância para serem filtradas, contadas e investigadas.

Para a análise do pronome 'they', optamos por seguir o mesmo método utilizado da análise do pronome 'we'. A análise dos dados pela planilha eletrônica do *Microsoft Excel* foi feita primeiramente pela posição pronominal (anteposto ou posposto), identificação do dêitico e prosódia semântica conforme podemos observar no exemplo no quadro abaixo:

Linha de concordância	Posição Pronominal	Identificação do dêitico	Prosódia semântica
"He died, <u>They</u> killed him. After about a hundred yards"	Anteposto	Grupo de jagunços de Hermógenes – Claramente hostil.	Negativa. Situação de morte e perda de um membro de grupo.

**Quadro 5**- Exemplo de classificação dos dados do pronome 'They' no corpus *The devil to pay in the backlands*.

No Quadro 5 acima, observamos um exemplo de classificação dos dados do

pronome ‘*they*’ no corpus da língua inglesa *The devil to pay in the backlands*. Na linha de concordância exemplificada, o pronome ‘*they*’ se encontra em posição anteposta ao verbo, tendo como sua identificação dêitica a referência ao grupo de jagunços claramente hostil, pertencente a outro bando. A prosódia semântica do exemplo acima é negativa, pois trata de uma situação de morte.

A seguir, passaremos aos resultados e análises dos dados averiguados, comparando com os resultados obtidos por Maia (1998) e Barbara e Gouveia (2010) sob uma perspectiva sintática. Em seguida, a partir destes resultados, discutiremos o processo de construção de identidades coletivas a partir da noção ‘nós versus eles’ do corpus *Grande Sertão: Veredas*, dialogando com os trabalhos de Bar-Tal (2012) e Leudar, Marsland, Nekvapil (2014).

### 3. ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÕES

#### 3.1 O USO DOS PRONOMES ‘NÓS’ E ‘WE’

Conforme dito anteriormente, a análise dos pronomes ‘nós’ e ‘we’ do corpus *Grande Sertão: Veredas* foi feita através de um levantamento de linhas de concordância pelo software *AntConc*. No caso dos pronomes ‘nós’, a primeira parte do trabalho foi analisar as desinências verbais em todas as conjugações verbais encontradas na gramática da língua portuguesa. Averiguamos que foram encontradas as desinências: “-amos”, “-emos”, “-imos”, “-omos”, “-armos”, “-ermos”, “-irmos” e “-ormos” no corpus *Grande Sertão: Veredas*. Os resultados foram postos na planilha eletrônica do *Microsoft Excel*, no qual foi averiguado um total de 798 casos, conforme podemos observar no quadro a seguir:

Desinências	Número de casos encontrados
-amos	511
-emos	186
-imos	46
-omos	39
-armos	3
-ermos	10
-irmos	3
-ormos	0
<b>TOTAL</b>	<b>798</b>

**Tabela 1** - Totalde desinências investigadas do pronome 'nós'.

De acordo com a Tabela 1 acima, observamos as desinências verbais encontradas através do levantamento de linhas de concordância do pronome ‘nós’ do corpus *Grande Sertão: Veredas*. Conforme mostrado, foi encontrado um total de 798 a serem analisadas. O maior número de casos encontrados se deu na busca da desinência ‘-amos’ resultando em um total de 511 linhas enquanto a desinência verbal ‘-ormos’ não resultou em nenhuma linha para ser analisada.

Através do resultado de 798 linhas de concordância para serem investigadas, procuramos conferir se os nódulos das linhas de concordância eram verbos ou não e averiguamos que de 798 linhas levantadas 758 eram verbos (94,7% do total analisado). Este resultado foi satisfatório e atendeu a expectativa inicial da pesquisa do presente

trabalho e consideramos que, para a busca do pronome ‘nós’, este método de levantamento de dados foi adequado para a proposta do trabalho.

É importante mencionarmos que, no decorrer do processo de análise das desinências verbais encontradas, investigamos alguns casos problemáticos que é de importância apontar no presente trabalho. Os casos em questão referem-se ao uso da locução pronominal ‘a gente’ em situação semântica equivalente ao pronome ‘nós’, conforme observamos nos exemplos a seguir:

Ex.1 Mesmo o mais grave sido que restamos sem os burros, fugidos por infelizes, e a carga quase toda, toda, com os mantimentos, a gente perdemos.

Ex.2 E estava. Era a outra guerra. A gente ficávamos aliviados. Aquilo dava um sutil enorme.

Ex.3 -“Dou todo respeito, meu senhor. Mas a gente vamos carecer de uns cavalos...”

Ex.4 A gente viemos do inferno nós todos compadre meu Quelemém instrui.

Ex.5 Ossenhor uturje, mestre, a gente vinhemos, no graminhá... Ossenhor uturje...

Os Exemplos acima nos mostram casos em que a noção do ‘nós’ é construída através da locução pronominal ‘a gente’. Ao todo foram encontrados 12 casos com o uso da locução equivalente ao pronome pessoal ‘nós’. Dentre estes casos, ainda podemos citar um único caso de duplicidade no qual tanto o pronome ‘nós’ quanto a locução pronominal ‘a gente’ aparece, conforme observamos a seguir:

Ex. 6 Ah o tempo de partida! A gente, nós, vamos é rente por esta cava, Riobaldo, meu filho.

No Exemplo 6 acima, destacamos um exemplo de duplicidade que nos leva a dúvidas na interpretação desta parte do texto. Diante dos casos problemáticos, nos deparamos diante de duas soluções: a primeira seria a adoção da gramática tradicional normativa, no qual os pronomes aceitos gramaticalmente são apenas os pronomes pessoais ‘eu’, ‘tu’, ‘ele’, ‘nós’, ‘vós’, ‘eles’ e, de acordo com o entendimento da gramática tradicional, a locução pronominal ‘a gente’ não é considerado pronome, sendo excluído então da pesquisa. A outra solução encontrada seria adotar uma postura mais compreensiva, e entender a locução pronominal ‘a gente’ como equivalência semântica para a construção do pronome ‘nós’.

Adotamos uma postura mais compreensiva da língua portuguesa e entendemos ‘a gente’ como uma locução pronominal equivalente ao pronome ‘nós’. A solução

adotada se justifica pelo fato do corpus *Grande Sertão: Veredas* ser composto por uma linguagem marcada por expressões linguísticas regionais e uma criação de léxico característico da linguagem rosiana que mencionamos no Capítulo 1 deste trabalho. Guimarães Rosa nos traz uma linguagem com um aspecto cultural fortemente marcado e expressões de uma língua viva em um cânone literário imortalizado.

Nos Exemplos 1, 2, 3, 4 e 5, mencionados acima, observamos o uso da locução pronominal usada não na terceira pessoa do singular, conforme é utilizada na linguagem informal da língua portuguesa, e sim com a primeira pessoa do plural no lugar do pronome ‘nós’. Entendemos como característica da linguagem de Guimarães Rosa, inserido nos jogos de palavras que são características do autor e da linguagem cultural fortemente marcada do Sertão.

Em consequência, excluímos os casos das desinências verbais ‘-armos’, ‘-ermos’, ‘-irmos’ e ‘-ormos’ por se tratar de casos de infinitivo flexionado e a proposta do presente trabalho é analisar apenas os casos em que o pronome se encontra em função de sujeito oracional. Conforme citamos nos Exemplos 7 e 8 a seguir:

Ex. 7 Aí ele se levantou, me chamando para voltarmos.

Ex. 8 Agora, que está bem falecido, se come o que alma não é, modo de não morrermos todos...” Não se achou graça.

Existem outros casos que também foram encontrados no corpus *Grande Sertão: Veredas*, e que não foram incluídos na investigação do presente trabalho, que são os casos que se encontram na forma imperativa, conforme citamos os Exemplos 9 e 10 abaixo:

Ex. 9 E em andemos: jagunço era que perpassava ligeiro; no chapadão, os legítimos coitados todos vivem é demais devagar, pasmacez.

Ex. 10 A daí, carecia fosse alguém do lado de lá do morro, pela gente do Alaripe. Pois vamos, Riobaldo! Diadorim se pôs.

Os Exemplos 9 e 10 acima nos mostram exemplos de casos no imperativo. Estes e outros casos foram descartados da investigação do presente trabalho, pois as delimitações de dados propostos para a análise foram feitas no tempo indicativo.

O último caso excluído da análise de dados em questão se trata dos casos do sujeito composto conforme segue o exemplo abaixo:

Ex. 11 A ser que, de campinas a campos, por morros, areiões e varjas, o Sesfredo e eu chegamos no Marcavão.

Os casos de sujeito composto foram excluídos, pois optamos por manter apenas os casos em que o ‘nós’ se encontra explícito, conforme veremos mais adiante.

A partir disto, analisamos a realização do pronome ‘nós’ para averiguar os casos em que o pronome se encontra explícito ou elíptico e obtivemos o seguinte resultado:

<b>Elíptico</b>	638	88,7%
<b>Explícito</b>	82	11,3%
<b>TOTAL</b>	<b>720</b>	<b>100%</b>

**Tabela 2** - Resultados da classificação quanto à realização pronominal do ‘nós’ (Elidida e Explícita)

A partir da Tabela 2 acima, observamos que, no corpus *Grande Sertão: Veredas*, o pronome ‘nós’ aparece na maioria dos casos de forma elíptica, aparecendo em 88,7% dos casos em relação à sua realização explícita, que aparece apenas em 11,3% do total de casos analisados. Logo, observamos a tendência à elisão do pronome em relação aos casos em que o pronome é realizado explicitamente. Diante disto, mencionamos que o método realizado de investigação a partir das desinências verbais, corrobora com as expectativas iniciais da pesquisa de analisar através das desinências verbais e mostra-se adequado.

A partir do resultado do obtido da realização pronominal ‘nós’, e com o número total de 11,3% dos casos em que o pronome se encontra explícito, dentro deste número, buscamos investigar sua posição pronominal, ou seja, os casos em que o pronome se encontra na posição anteposta ou posposta ao verbo, e obtivemos os resultados que encontramos na Tabela 3, a seguir:

<b>Posição pronominal</b>	<b>Número de casos encontrados</b>	<b>%</b>
Anteposto	82	100%
Posposto	0	0%
Total	<b>82</b>	<b>100%</b>

**Tabela 3** - Classificação em relação à posição pronominal (anteposta ou posposta) do pronome ‘nós’

Conforme observamos na análise de dados obtidos na Tabela 3 acima, dentre os 82 casos em que o pronome está explícito, em 100% dos casos analisados o pronome se encontra na posição anteposta ao verbo, enquanto a posição posposta resultou em um percentual de 0% dos casos analisados. Estes resultados diferem parcialmente dos resultados obtidos por Maia (1998), que investiga o uso das posições do pronome

pessoal ‘eu’, conforme iremos dialogar mais adiante.

A seguir, partiremos para a apresentação dos resultados quantitativos do pronome ‘we’ do corpus inglês *The devil to pay in the backlands*. Conforme mencionamos anteriormente, para a análise linguística do corpus inglês, foi necessário realizar um método diferente, respeitando as características e sistema da língua inglesa. A investigação feita através do levantamento do corpus da língua inglesa foi realizada através do levantamento dos casos explícitos do pronome ‘we’ e não através das desinências verbais realizada pelo pronome ‘nós’. Para o pronome pessoal ‘we’, foram encontradas um total 1.484 de linhas de concordância dos usos em que o pronome se encontra na forma explícita, levantadas através do *software AntConc*. O elevado número de casos encontrados ocorre devido à estrutura da língua inglesa, na qual o uso do pronome pessoal é obrigatório. Através deste número, investigamos os casos em que o pronome era oração e sua posição pronominal (anteposta ou posposta ao verbo), conforme mostramos na Tabela 4 a seguir:

Pronome	Anteposto	Posposto	Casos excluídos	Total
We	96%	3%	1%	1.484

**Tabela4-** Resultado da análise do pronome ‘we’ do corpus *The devil to pay in the backlands*.

Observamos que, no caso do pronome ‘we’ do corpus *The devil to pay in the backlands*, das 1.484 linhas analisadas, o pronome se encontra em 96% dos casos na posição anteposta ao verbo, e apenas 3% das linhas em posição posposta ao verbo, o que também se justifica devido à estrutura gramatical da língua inglesa. Podemos averiguar que, devido à diferença das duas línguas no corpus bilíngue, a tradução irá ter grandes influências para incluir o pronome com mais frequência. Os resultados destes dados irão se assemelhar aos resultados obtidos por Maia (1998), através de sua investigação do pronome pessoal de língua inglesa ‘I’. De acordo com Nascimento e Alves (2017), entendemos que os textos podem revelar aspectos sobre os sistemas linguísticos nos quais estão inseridos. Os autores citam a ideia de Halliday e Matthiessen (2004), nos quais os textos funcionam como janelas que permitem visualizar o sistema linguístico.

### 3.2 O USO DOS PRONOMES ‘ELES’ E ‘THEY’

A análise do pronome pessoal ‘eles’, do corpus português *Grande Sertão*:

*Veredas* foi feita através do levantamento de linhas de concordância nos casos em que o pronome se encontra na forma explícita. Conforme dito anteriormente, este método foi adotado, pois foi feita opção por uma delimitação, deixando a análise da totalidade dos dados para investigações futuras.

De acordo com a estrutura da gramática da língua portuguesa, as desinências verbais para o pronome pessoal ‘Eles’ na língua portuguesa são: “-am”, “-em”, “-aram”, “-arão”, “-ariam”, “-assem”, “-avam”, “-eram”, “-erão”, “-erem”, “-eriam”, “-essem”, “-iam”, “-iram”, “-irão”, “-irem” e “-issem”.

A partir disto, através do *software AntConc*, investigamos as desinências do pronome ‘Eles’ através do levantamento de linhas totalizando em 15.211 casos encontrados, conforme mostramos na Tabela 5, a seguir:

Desinências	Número de casos encontrados
-am	5.213
-em	7.862
-aram	312
-arão	17
-ariam	3
-assem	68
-avam	768
-eram	272
-erão	3
-erem	46
-eriam	47
-essem	80
-iam	457
-irão	34
-irem	10
-issem	18
	<b>15.211</b>

**Tabela 5** - Total de desinências investigadas do pronome 'eles'.

Observamos que os maiores resultados encontrados ocorrem na desinência ‘-em’, com 7.862 casos encontrados, e na desinência ‘-am’ com 5.123 casos. Diante disto, analisamos apenas os casos em que a noção ‘eles’ se encontra na forma explícita. A partir da filtragem de dados da realização explícita do pronome ‘eles’, foram encontradas 262 linhas de concordância para serem filtradas e analisadas. A partir deste

resultado, investigamos os casos em que a linha investigada era ou não oração e com esta investigação, obtivemos os seguintes resultados:

Pronome 'Eles'	Número de casos encontrados	%
Oração	237	90,5%
Casos que não configuram como oração	25	9,5%

**Tabela 6** - Resultado da investigação do pronome 'eles' dos casos em que se configuram ou não em oração.

A investigação mostrou que das 262 linhas de concordância analisadas, 237 (90,5%) dos casos eram orações e apenas 25 linhas de concordância (9,5%) dos casos não eram orações. Citamos a seguir, exemplos em que o pronome 'eles' não se constitui em caso de oração:

Ex.12 E eram muitos outros. Esses, eles! Mas nós já tínhamos tomado recato.

Ex. 13 Ah, mas, mire e veja: a quantidade maior eram aqueles catrumanos – os do Pubo. Eles, em vozes

Ex. 14 Ah, ô gente, oh e eles: que todos, quase todos, geral, reluzindo aprovação. Mesmo os meus homens. Fiz gesto, com meu contentamento.

No Exemplo 12, 13 e 14 acima, o pronome 'eles' não se encontra em oração. A noção do 'eles' não se conjuga como verbo e se encontra de forma isolada. Os exemplos abaixo mostram casos analisados em que a noção 'eles' se configura em oração:

Ex. 15 O homem não coçou a cabeça. Firme disse. Queriam irs'embora, duma vez; careciam. Ah eles bem que conheciam a regra: que um jagunço sai do bando quando quer. –

Ex. 16 Eram. Tinham sido. Mas com sua labuta de plantações. Que qualidades de crimes eles tinham feito, para principiar, crimes de boa inerência?

Os Exemplos 15 e 16 mostram casos em que o pronome 'eles' conjugam verbo e se encontram em oração.

Analisaremos os casos em que o 'eles' eram sujeitos da oração, conforme observamos na Tabela a seguir:

Pronome 'Eles'	Número de casos encontrados	%
Sujeito	196	74,8%
Não se configura como sujeito	45	17,2%

**Tabela 7** - Resultado da investigação do pronome 'eles' dos casos em que se configuram ou não como sujeito oracional.

De acordo com as linhas de concordância investigadas, mencionamos que a noção ‘eles’ se configura como sujeito oracional em 196 casos analisados (76,8%), e, em 45 casos (17,2%) não se configura como sujeito.

Seguindo a análise, averiguamos a posição pronominal do ‘eles’, ou seja, os casos em que o pronome se encontra em posição posposta ou anteposta ao verbo, conforme nos mostra a Tabela 8 a seguir:

<b>Posição pronominal do ‘Eles’</b>	<b>Número de casos encontrados</b>	<b>%</b>
Anteposto	193	73,7%
Posposto	3	1,1%
Casos Excluídos	66	25,2%

**Tabela 8** - Resultados dos dados obtidos da posição pronominal do 'eles'

Os dados mostraram que na maioria dos casos, o pronome eles se encontra em posição anteposta ao verbo, com 193 (73,7%) dos casos encontrados, e apenas 3 casos (1,1%) se encontra em posição posposta ao verbo. Assim como o pronome ‘nós’, estes dados se assemelham aos resultados obtidos por Maia (1998), que iremos discutir mais adiante.

No caso do pronome ‘they’, pertencente ao corpus inglês *The devil to pay in the backlands*, a investigação prossegue da mesma forma que o pronome ‘we’, ou seja, procurando respeitar a estrutura gramatical da língua inglesa e analisando apenas os casos em que o pronome se encontra explícito. Através do levantamento de linhas de concordância dos casos explícitos, averiguamos a posição pronominal (anteposta ou posposta ao verbo). Foram encontradas 1.187 linhas de concordância no *software AntConc*, com os seguintes resultados que compõe a Tabela 9:

<b>Pronome</b>	<b>Anteposto</b>	<b>Posposto</b>	<b>Casos excluídos</b>	<b>Número de casos encontrados</b>
<i>They</i>	96%	3%	1%	1187

**Tabela 9** - Resultado dos dados encontrados da posição pronominal do 'they' no corpus *The devil to pay in the backlands*.

Observamos que o pronome pessoal ‘we’ e o pronome pessoal ‘they’ se encontram na maioria dos casos em posição anteposta ao verbo (96% dos casos), aparecendo apenas 3% dos casos em posição posposta ao verbo. Os dados nos permitem analisar a particularidade individual de cada língua presente dos corpora em questão.

Enquanto na língua inglesa não ocorre o uso da elipse, no corpus português este caso é utilizado na maioria das vezes. Observamos ainda as transformações que ocorreram do ponto de vista gramatical da passagem do texto de partida e do texto de chegada e a complexidade que envolve as duas línguas. Tais como: a tendência a elisão pronominal presente no corpus *Grande Sertão: Veredas* e o uso explícito e o uso mais formal da língua na tradução para a língua inglesa *The devil to pay in the backlands*.

Analisaremos o ponto de vista sintático-semântico dos pronomes ‘nós’ e ‘eles’ do corpus bilíngue do *Grande Sertão: Veredas* e iremos comparar os resultados obtidos com os resultados de Maia (1998) em relação à sua análise do pronome pessoal ‘I’ de um corpus bilíngue português/inglês, e faremos uma reflexão sobre os pronomes com o trabalho de Barbara e Gouveia (2010) que apresentam trabalhos desenvolvidos acerca do uso dos pronomes pessoais.

### 3.3 ANÁLISE SINTÁTICA E COMPARATIVA DOS PRONOMES

Conforme dito anteriormente, o presente trabalho apresenta uma análise do corpus paralelo bilíngue (não alinhado) do corpus *Grande Sertão: Veredas* e de sua única tradução para o inglês o corpus *The devil to pay in the backlands*. A análise trata da investigação dos pronomes ‘nós’ e ‘eles’ tanto na língua portuguesa e ‘we’ e ‘they’ na língua inglesa, e busca compreender a utilização destes pronomes em uma situação de conflito armado.

Diante dos resultados encontrados, é importante uma análise léxico-gramatical dos pronomes ‘nós’ e ‘eles’ e para isto são eminentes os trabalhos de Maia (1998) e Barbara e Gouveia (2010).

#### 3.3.1 Comparação dos resultados com os dados de Maia (1998)

Em seu trabalho "*Word Order and the First Person Singular in Portuguese and English*", Maia (1998) faz uma análise dos pronomes pessoais ‘I’ na língua inglesa, e ‘eu’ na língua portuguesa, do ponto de vista pragmático e sintático, em um corpus comparável bilíngue, respectivamente na língua inglesa e língua portuguesa. Conforme dito na fundamentação teórica deste capítulo, Maia (1998) investiga questões como a função do pronome, posição pronominal (relativo à posição anteposta ou posposta ao verbo), e a elisão.

Em relação ao fenômeno da elisão, Maia (1998) menciona que em linguagens

que têm sistemas verbais claramente flexionados, como é o caso da língua portuguesa, o sujeito da sentença geralmente está presente apenas na inflexão do verbo. Citamos por exemplo, o método aplicado no presente trabalho que investiga as desinências verbais. Primeiramente, buscamos os resultados das desinências verbais do pronome ‘nós’ e ‘eles’ da língua portuguesa, aos quais respectivamente totalizou em 798 desinências para o pronome ‘nós’ e 15.211 desinências para o pronome ‘eles’.

No corpus português investigado do *Grande Sertão: Veredas* observamos que o uso da desinência verbal acontece com mais frequência em relação aos casos em que o pronome se encontra na forma implícita. Diferentemente do corpus português, no corpus inglês existe a obrigatoriedade do uso do pronome de forma explícita em razão da estrutura gramatical da língua, e, segundo preceitua Maia (1998), por se tratar de uma língua descrita como linguagem SVO (sujeito, verbo e objeto).

Seguindo a proposta, Maia (1998) reforça que nos casos de omissão pronominal, enquanto na língua inglesa o uso do pronome é obrigatório, no português a inflexão do verbo já indica a qual pessoa o verbo está se referindo. Sobre a pesquisa em relação aos casos de omissão pronominal, Maia (1998) constatou que, no corpus em textos fontes escritos em português existe uma tendência elevada ao uso da elipse em relação a textos que foram traduzidos para o inglês.

Os dados de Maia (1998) revelam que o corpus originalmente escrito em língua portuguesa, resultou em um total de 296 ocorrências do pronome ‘eu’, enquanto na tradução para língua inglesa, 1.514 ocorrências do pronome ‘I’. No texto originalmente escrito em inglês, o pronome aparece em 1.385 dos casos analisados enquanto na tradução do português aparece um total de 343. Estes resultados se assemelham aos resultados da nossa investigação do corpus *Grande Sertão: Veredas* e de sua tradução *The devil to pay in the backlands*, onde o pronome ‘nós’ possui um número de 82 ocorrências e o pronome ‘we’ 1.482, e o pronome ‘eles’ ocorre um total de 262 e o pronome ‘they’ 1.187.

Em relação à posição pronominal (anteposta e posposta ao verbo), os resultados obtidos no presente trabalho se assemelham aos dados obtidos por Maia (1998) com uma parcela de diferença entre os dados. Na análise da posição pronominal do corpus português investigado por Maia (1998), foram encontradas 191 linhas de concordância averiguadas (64,5%) do pronome ‘Eu’ do corpus português na posição anteposta ao verbo, contra 50 linhas de concordância (19,9%) na posição posposta ao verbo. No corpus inglês da análise do pronome ‘I’, Maia (1998) nos mostra um total de 296 linhas

de concordância (83,6%) na posição anteposta ao verbo em relação a 43 linhas de concordância (12,2%) na posição posposta ao verbo.

A partir destes dados, observamos que, comparando nossa análise com a investigação proposta por Maia (1998), existe uma tendência ao uso da posição anteposta ao verbo na língua portuguesa tanto no corpus analisado do nosso presente trabalho do *Grande Sertão: Veredas* e de sua tradução quanto nos corpora em língua portuguesa e língua inglesa investigados por Maia (1998). Contudo, estes resultados diferem na quantidade em que o pronome na posição posposta ao verbo é encontrado. Enquanto nos dados da respectiva autora existe um número bem maior de frequência do uso da posição posposta tanto no pronome 'I' quanto no 'Eu', no corpus *Grande Sertão: Veredas* e de tradução este número é quase nulo.

É importante mencionarmos o posicionamento de Maia (1998), no sentido de que o uso de corpora paralelos e comparáveis nos permite fazer uma análise linguística em um contexto tanto qualitativo quanto quantitativo, conforme mencionamos a seguir:

O uso sistemático de corpora paralelos e comparáveis nos permite analisar a complexidade da linguagem em contexto tanto quantitativo como qualitativo. A análise qualitativa do "falante nativo" bem informado, geralmente é validada quando testada em relação aos dados quantitativos fornecidos pelos corpora. (MAIA, 1998, p. 12)<sup>14</sup>

A partir da análise dos pronomes 'nós' e 'eles' juntamente com a comparação dos resultados obtidos por Maia (1998), obtivemos uma análise qualitativa e quantitativa do corpus paralelo bilíngue *Grande Sertão: Veredas* e *The devil to pay in the backlands*. Foi possível averiguar que na língua portuguesa, existe uma maior utilização da elisão e, quando o pronome se encontra explícito, o mesmo se encontra em posição anteposta ao verbo. No inglês, o pronome será sempre explícito e existe uma tendência ao uso do pronome na posição anteposta.

### 3.3.2 Reflexão acerca do uso dos pronomes

A partir da análise dos pronomes 'nós' e 'eles' no corpus *Grande Sertão: Veredas* podemos observar que na maioria dos casos do corpus português, existe uma tendência à elisão pronominal ao invés do uso explícito do pronome. Diante disto, é importante mencionarmos a reflexão acerca do uso dos pronomes de Barbara e Gouveia

<sup>14</sup>Minha tradução para o trecho: "The systematic use of parallel and comparable corpora allow one to analyse the complexity of language in context on a quantitative as well as a qualitative basis. The qualitative analysis of the well-informed 'native speaker' often holds good when tested against the quantitative data provided by corpora."

(2004), que analisa os usos elípticos dos pronomes pessoais na língua portuguesa (português brasileiro).

Ao investigar os usos dos pronomes pessoais em português, Barbara e Gouveia (2004) adotam a Gramática Sistêmico Funcional e as questões de Referência e Elipse. Barbara e Gouveia (2004) mencionam que a ausência do pronome que tem a função de sujeito juntamente com as consequências que traz na definição do tema é uma questão de Referência.

Outro aspecto importante é que de acordo com Barbara e Gouveia (2004), as escolhas para a ocorrência ou omissão do pronome são uma questão de estilo e não prejudicam o texto. É diferente do que ocorre na língua inglesa, pois enquanto no português a elipse do pronome pode ser atribuída a uma questão de estilo, no inglês é uma questão de estrutura. Mencionamos que de acordo com Barbara e Gouveia (2004, p.8): “O que é importante referir é que, em português, a escolha entre a implantação do referente ou não em diferentes orações não resultará em ambiguidade, mudança de significado ou não gramaticalidade”<sup>15</sup>.

A partir das informações de Barbara e Gouveia (2004), entendemos que no corpus *Grande Sertão: Veredas*, Guimarães Rosa optou utilizar um estilo de linguagem no qual existe uma preferência pelo uso da elisão pronominal. Logo, não traz prejuízo para compreensão do texto, evitando repetição e ambiguidade. O elevado uso das desinências verbais também pode ser uma característica escolhida pelo autor ao enriquecer o texto com uma linguagem inovadora.

No corpus *The devil to pay in the backlands*, não podemos concluir que o uso dos pronomes de forma explícita é atribuído a uma escolha ou estilo dos tradutores, pois é uma questão de estrutura da língua inglesa, no qual a gramática obriga o uso da realização explícita dos pronomes.

### 3.4 O USO DOS PRONOMES NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES COLETIVAS

A partir da análise sintático-semântica dos pronomes ‘nós’ e ‘eles’ presentes no corpus paralelo bilíngue de *Grande Sertão: Veredas*, iremos investigar o que estes resultados dizem sobre a construção de identidades coletivas dos grupos rivais pertencentes ao corpus do *Grande Sertão: Veredas*. Busca-se entender o conflito através

<sup>15</sup>Minha tradução para o trecho: “What is important to refer is that in Portuguese the choice between deploying the referent or not in different clause complexes, will not result in ambiguity, change of meaning or, for that matter, agrammaticality.”

da análise linguística e investigar como estes grupos se constroem e se contrapõem a partir de uma averiguação sob o ponto de vista psicológico social. Para isto, na planilha eletrônica feita no *Microsoft Excel*, foram analisadas as prosódias semânticas dos pronomes ‘nós’ e ‘eles’ tanto na língua portuguesa quanto na língua inglesa, como também foi feita uma investigação da dêixis do pronome.

A expectativa inicial do trabalho era que os pronomes construíssem uma visão maniqueísta do ‘nós *versus* eles’ na situação de conflito presente no corpus, no qual ‘nós’ seria uma referência linguística ao grupo aliado de jagunços tido como ‘bom’, e o ‘eles’ seria uma referência ao grupo hostil. De acordo com a expectativa inicial, a visão do pronome ‘nós’ teria uma prosódia semântica positiva enquanto o pronome ‘eles’ uma construção negativa. Contudo, os resultados da pesquisa não corroboraram com uma visão maniqueísta, na qual nem ‘nós’ é relacionado ao grupo aliado e ‘eles’ nem sempre é usado para se referir ao grupo rival, muitas vezes causando ambiguidade entre os grupos.

De acordo com os resultados obtidos, o pronome ‘nós’ muitas vezes se refere a situações que não estão inseridas em um conflito armado, fazendo muitas referências ao personagem principal e outros personagens que estão fora de situação de conflito, a uma referência entre narrador leitor e muitas vezes entre subgrupo dentre duas pessoas dentro de um grupo social, conforme mostramos no Exemplo 17 abaixo:

Ex. 17 Amanheceu claro. Mas Maria-da-Luz não era logrã, isso conheci, no ver como ela olhou para o Felisberto, com modos mimosos. Quem sabe ele havia de gostar de ficar para sempre permanecido ali? Perguntei. O Felisberto se riu, tão incerto feliz, que eu logo vi que tinha justo pensado. E elas, demais. Deixa o moço, que nós prometemos. Tomamos bom cuidado nele, e tudo, regalado sustento.

No exemplo acima, podemos observar um caso em que o pronome ‘nós’ aparece explícito em posição anteposta ao verbo. Neste caso, o dêitico está relacionado a um grupo de mulheres que não estão em situação de conflito armado. A seguir, citaremos um exemplo em que a noção ‘nós’ se refere a um subgrupo dentro de um grupo social que também não se encontra inserido em situação de conflito armado:

Ex. 18 Pensei em Diadorim. O que eu tinha de querer era que nós dois saíssemos sobrados com vida, desses todos combates, acabasse a guerra, nós dois largávamos a jagunçada, íamos embora, para os altos Gerais tão ditos, viver em grande persistência

O Exemplo 18 acima mostra um caso em que o ‘nós’ se encontra explícito, anteposto ao verbo e com prosódia semântica positiva, se referindo a uma possível final feliz na guerra. Contudo, o ‘nós’ se refere aos personagens Riobaldo e Diadorim (‘nós dois’), subgrupo dentro de um grupo social, não fazendo referência a um conflito armado.

É importante mencionarmos também os casos em que a construção do ‘nós’ se refere a um diálogo narrador-leitor conforme nos mostra os exemplos abaixo:

Ex. 19 As pessoas, e as coisas, não são de verdade! E de que é que, a miúde, a gente adverte incertas saudades? Será que, nós todos, as nossas almas já vendemos? Bobéia, minha. E como é que havia de ser possível? Hem?!

Ex. 20 Esses, mesmo no trivial, tinham capacidade para um ódio tão grosso, de muito alcance, que não custava quase que esforço nenhum deles; e isso com os poderes da pobreza inteira e apartada; e de como assim estavam menos arredados dos bichos do que nós mesmos estamos: porque nenhuma das artes do demônio regedor eles nem divulgavam.

Os Exemplos 19 e 20 acima, nos mostram casos em que o ‘nós’ é utilizado como um diálogo narrador-leitor. Conforme dito anteriormente, o pronome ‘nós’ nem sempre é usado para se referir ao grupo aliado em uma situação de conflito. Contudo, apesar destes casos em que a noção ‘nós’ não está relacionada aos grupos sociais em situação de conflito presentes no corpus, na maioria dos casos investigados em geral, a noção ‘nós’ e ‘we’ é utilizada para se referir ao grupo de jagunços ao qual Riobaldo (personagem principal) faz parte. É importante lembrarmos que o conflito que marca a história de *Grande Sertão: Veredas* é repleto de formações de alianças entre os grupos de jagunços (como discutido na seção 1.2 deste texto), e estas alianças vão sofrer alterações ao longo da história. Estas alianças vão sendo estabelecidas de acordo com o tempo e as circunstâncias nas quais o personagem principal está inserido: no início da história, Riobaldo pertence ao grupo de Zé Bebelo, em seguida, passa a pertencer ao grupo de Joca Ramiro tendo Zé Bebelo como inimigo, com o passar do tempo, Zé Bebelo passa a ser integrante do grupo ao qual Riobaldo pertence e passa a liderar este grupo e tendo como inimigo o antigo jagunço do grupo aliado chamado Hermógenes.

Citaremos a seguir exemplos em que a noção ‘nós’ e ‘we’ é usada para se referir ao grupo aliado em diferentes situações de guerra e em diferentes alianças:

Ex. 21 Com o comando de Medeiro Vaz, dali depois daquele carecido repouso, a gente revirava caminho, ia em cima dos outros deles! procurando combate. Munição não faltava. Nós estávamos em sessenta homens mas todos cabras dos melhores.

Ex. 22 De manhã, de três lados, demos fogo. Aí Zé Bebelo tinha meditado tudo como um ato, de desenho. Primeiro, João Concliz avançou, com seus quinze, iam fazendo de conta que desprevenidos. Quando os outros vieram, nós todos já estávamos bem amoitados, em pontos bons.

Nos exemplos acima podemos observar duas situações em que o pronome ‘nós’ se encontra explícito e em posição anteposta ao verbo. Contudo, em relação à dêixis os exemplos divergem. Enquanto no Exemplo 21, o personagem principal se encontra em situação de conflito – apresentando uma prosódia semântica positiva, pois estão em boa posição na guerra - pertencente ao grupo de Joca Ramiro (liderado por Medeiro Vaz) onde o inimigo é Zé Bebelo, no Exemplo 22, o ‘nós’ também apresenta uma prosódia semântica positiva, só que Riobaldo se encontra em um grupo liderado agora por Zé Bebelo, onde o inimigo é Hermógenes.

No corpus da língua inglesa, a conjuntura acontece de forma semelhante, conforme podemos observar a seguir:

Ex. 23 From the moment Joca Ramiro stopped in our midst, we talked of nothing else. He was going straight into combat -- it would be the end of the wart "Sô Candelário wanted to go too, but he was ordered to stay behind," said Diadorim, and explained that because of his passionate eagerness to advance and keep advancing, Sô Candelário might upset the carefully laid plans.

Ex. 24 Another day and a half -- just following this route which we had soon learned was the right one -- and we would be at the gates of the Hermógenes clan! At this rate we would get there just before dawn, and take them by surprise in a sudden assault, for at that hour Hermógenes was far away, following my old tracks, little dreaming of our daring feat. Here was my counterthrust.

Os Exemplos 23 e 24 acima mostram casos em que a noção ‘we’ do corpus inglês *The devil to pay in the backlands* se encontra em realização explícita e anteposta aos verbos. A partir destes exemplos, observamos casos em que Riobaldo se encontra em dois grupos aliados em momentos diferentes da história. No Exemplo 23, o grupo aliado é o grupo pertencente à Joca Ramiro e a prosódia semântica é neutra. No Exemplo 24, trata-se do grupo do qual o inimigo agora é o Hermógenes. Em ambos os casos, a noção ‘we’ se refere ao grupo aliado em uma situação de conflito armado.

Em relação ao pronome pessoal ‘eles’ na língua portuguesa e ‘they’ na língua inglesa, a expectativa inicial da pesquisa era que a noção ‘eles/they’ se referisse majoritariamente ao grupo hostil na situação de conflito. Contudo, a investigação constatou também que nem sempre ‘eles’ se refere ao grupo hostil, e, em muitos casos, se refere a outros membros do grupo aliado, aos animais ou outros personagens que não

fazem parte do grupo de jagunços que estão em situação de guerra. Em consequência, observamos abaixo os seguintes exemplos:

Ex. 25 Para o que o dia ia ser, eles requeriam um descanso, e pastar; cavalo são desdenha de dormir, o senhor sabe: bicho que só come, come, come.

Ex. 26 Desgraçado desse homem, pelo que em sua vida ia ser, pelo que seus aspectos indicavam. Nem merecia dó, assim achei. Mas, na companhia dele, atrás, vinha também um cachorrinho. Eles esbarraram.

Nos Exemplos 25 e 26 acima, observamos casos em que o pronome pessoal ‘eles’ se encontra explícito e na posição pronominal anteposta ao verbo. Nestes dois casos, o pronome ‘eles’ não se refere aos grupos em situação de conflito armado. No Exemplo 25, o pronome se refere aos animais e no Exemplo 26 o pronome faz referência a um personagem que está fora de conflito e a um animal que o narrador avistou.

Depois de identificadas as situações em que o ‘eles’ não se configura um grupo em situação de conflito, analisaremos apenas os casos em que o ‘eles’ se refere aos respectivos grupos de conflito. Para isto, após a análise no *Excel*, dividimos a análise dos dêiticos em ‘grupo claramente aliado’ e ‘grupo claramente hostil’, sendo primeiro quando o personagem faz referência a outros membros do seu próprio grupo, e o segundo uma referência ao grupo rival, e obtivemos os seguintes resultados que mostramos na tabela a seguir:

<b>Grupos analisados</b>	<b>Número de casos encontrados</b>
Grupo claramente hostil	44
Grupo claramente aliado	63

**Tabela 10-** Resultados da classificação dos grupos encontrados na análise do pronome 'Eles' do corpus *Grande Sertão: Veredas*.

A partir desta análise, observamos que, na maioria dos casos, o narrador-personagem utiliza o pronome pessoal ‘eles’ para fazer referência ao grupo claramente aliado, ou seja, aos outros jagunços pertencentes ao mesmo bando. Observamos que 44 casos mostram que o narrador usa o pronome ‘eles’ para se referir ao grupo hostil, ou seja, o grupo inimigo ou ‘rival’.

Dentre estes 44 casos em que o narrador utiliza o pronome ‘eles’ para fazer referência ao grupo inimigo, a investigação constatou 31 casos em que o pronome ‘eles’ é associado a processos negativos, conforme os seguintes exemplos:

Ex. 27 Não sou assassino. Inventaram em mim aquele falso, o senhor sabe como é esse povo. Agora, com uma coisa, eu concordo: se eles não tivessem morrido no começo, iam passar o resto do tempo todo me tocaiando, mais Diadorim, para com a gente aprontarem, em ocasião, alguma traição ou maldade.

Ex. 28 A que perdeu, perdeu, mas deu muita lida, prejuízos. Sérios perigos, em que estivemos; o senhor sabe bem, compadre Chefe. Dou a conta dos companheiros nossos que ele matou, que eles mataram. Isso se pode repor? E os que ficaram inutilizados feridos, tantos e tantos...

Ex. 29 Pois aquela soldadama viera para o Norte era por vingar Zé Bebelo, e Zé Bebelo já andava por longes desterrado, e nisso eles se viravam contra a gente, que éramos de Joca Ramiro, que tinha livrado a vida de Zé Bebelo das facas do Hermógenes e Ricardão; e agora, por sua ação, o que eles estavam era ajudando indireto àqueles sebaceiros.

Os Exemplos 27, 28 e 29 acima mostram casos em que a noção ‘eles’ faz referência claramente negativa ao grupo hostil. No Exemplo 27, o narrador fala da necessidade de morte ao grupo para que tanto ele quanto Diadorim pudessem viver tranquilos. No Exemplo 28, a referência feita à morte que o grupo inimigo causou, e por fim, no Exemplo 29, a referência é a uma situação de guerra em que o inimigo discorda e vai em confronto com o grupo do narrador.

Entre os processos positivos e negativos associados aos grupos, observamos casos em que a referência é ambígua, deixando a dúvida se é de fato uma referência positiva ou negativa, conforme o Exemplo 30 a seguir:

Ex. 30 Pois era, Tatarana? Olhe: escuta, pensaesses Hermógenes não são mais valentes do que nós, nem estão em quantidade maior; mas fato é que eles chegaram a surdas, e nos cercaram, tomaram tudo quanto há de melhor, nessas posições. Asseados, é que estão.

O Exemplo 30 acima nos mostra um caso ambíguo no qual existe uma subjetividade na referência. Dependendo da interpretação do trecho acima, a referência pode ser positiva ou negativa. O trecho “*Eles chegaram as surdas*” pode ser interpretado no sentido de chegar com habilidade (referência positiva), ou podemos interpretar no sentido de chegar atacando (referência negativa).

É importante mencionarmos ainda, que no corpus inglês do *The devil to pay in the backlands* o ‘they’ também é usado para referências negativas ao grupo rival, conforme observamos a seguir:

Ex. 31 'Huh? I don't know,' someone answered, 'but besides Simião they killed Aduvaldo, too.' 'Don't tell me anymore!' I cried out, but on the instant, I turned and asked: 'Ah, and Fafafa?' 'No, not Fafafa -- he is doing some killing himself!'

Ex. 32 Not a single one of the enemy could be seen. I wondered how I was going to manage, with my arm the way it was. I lifted my hand to scratch my forehead, but crossed myself instead. I fired away, and they fired back.

A partir dos Exemplos 31 e 32 acima, podemos observar casos em que a noção pronominal ‘*they*’ é usada para fazer uma referência negativa ao grupo inimigo. No primeiro caso, o grupo inimigo atacou o grupo aliado ocasionando em morte, e no segundo, a referência nos mostra claramente uma situação de ataque.

Após investigarmos os dêiticos e as prosódias semânticas relativas aos respectivos grupos sociais no corpus português *Grande Sertão: Veredas* e na sua única tradução para a língua inglesa *The devil to pay in the backlands*, analisamos se o uso dos pronomes ‘nós’ e ‘eles’ constroem uma ideia de hostilidade que configuraria em uma visão maniqueísta. A expectativa inicial das investigações seria que a construção do ‘nós’ seria relacionada ao grupo aliado com o uso de prosódias semânticas positivas, enquanto o ‘eles’ seria associado ao grupo hostil com o uso de prosódias semânticas negativas, construindo uma ideia de hostilidade entre os grupos em uma situação de conflito.

Referência neste sentido é o trabalho de Leudar, Marsland e Nekvapil (2004), que trata sobre os pronomes ‘nós’ e ‘eles’ em um discurso político. Os autores investigam apresentações públicas de violência e apresentações sobre o ataque do *World Trade Center* feitos pelo presidente Bush para a nação, e analisa como estas apresentações podem fornecer relatos morais de ações passadas e preparar o terreno para aviolência futura. Os autores investigam os pronomes ‘nós’ e ‘eles’ como categoria de membros e como a divisão implícita entre os pronomes é realizada pelas partes em um conflito.

Embora o corpus *Grande Sertão: Veredas* e o corpus do texto analisado por Leudar, Marsland e Nekvapil (2004) tenham características diferentes, a comparação de ambos os dados se refere ao fato de que corpora de pequenas dimensões nos permitem visualizar questões referentes ao sistema linguístico, conforme nos mostra Nascimento e Alves (2017) ao citar o apontamento de Sinclair (2001) ou ainda trabalhar o texto como janela de sistemas de acordo com o apontamento de Halliday e Matthiessen (2004).

Observamos que, embora o corpus *Grande Sertão: Veredas* apresente semelhanças com a categorização ‘nós’ *versus* ‘eles’, investigadas por Leudar, Marsland e Nekvapil (2004), no sentido de que ‘nós’ é associada a prosódias semânticas positivas e ‘eles’ a prosódias negativas, apontamos que esta semelhança é parcial. Na análise do

corpus *Grande Sertão: Veredas*, nem sempre a noção ‘nós’ é associado ao grupo atacado, podendo o ‘nós’ fazer referência a outras pessoas que não fazem parte do grupo social envolvido em uma situação de conflito. Outro ponto importante, é que no corpus *Grande Sertão: Veredas*, nem sempre o ‘nós’ é associado a uma prosódia semântica positiva, podendo ser neutra ou negativa conforme os exemplos abaixo:

Ex. 33 Mesmo o mais grave sido que restamos sem os burros, fugidos por infelizes, e a carga quase toda, toda, com os mantimentos, a gente perdemos.

Ex. 34 Que quando só vislumbrei graça de carinha de riso e boca, e os compridos cabelos, num enquadro de janela, por o mal aceso de uma lamparina. Mas logo fomos para acomodar, numa rebaixa de engenho-de-pilões, lá pernoitamos.

No Exemplo 33, a noção ‘nós’ é relacionada a uma prosódia semântica negativa, no sentido de que o grupo se encontra em desvantagem e perdeu uma guerra, se encontrando em uma posição inferior e no Exemplo 34, podemos observar uma prosódia semântica neutra, indicando apenas uma situação de ação do grupo que é neutra a uma situação de conflito.

Assim como ‘nós’, observamos que o pronome ‘eles’ nem sempre se refere ao grupo rival, podendo fazer referência também a outras pessoas que não estão necessariamente envolvidas no conflito ou até mesmo a referência é utilizada para animais, objetos etc. Embora na maioria dos casos o pronome ‘eles’ se encontre associado a prosódias semânticas negativas, existem situações presentes no corpus *Grande Sertão: Veredas* em que o ‘eles’ também é associado ao grupo rival positivamente:

Ex. 35 Mas, por quê? eu desentendi; e tornei a entender, depressa demais: que o inimigo dera de se estourar, todo de-repentemente, da banda outra, lugar donde não devia de vir, nem ali possível de ser esperado. Eles eram quantidade. Cru e cru que avançavam, avançando, como que já iam tomar o Paredão, as casas na ponta do arraial.

Ex. 36 Que chefes? Zé Bebelo indagou, sem tom de nenhuma malícia. Rodrigues Peludo demorou um ponto, fazendo menção de virar o rosto, mas o que deixou em tempo de fazer. E contestou: Nhô Ricardão. E seô Hermógenes... E eles então estão querendo paz?

Os Exemplos 35 e 36 acima mostram casos em que o pronome ‘eles’ é usado para se referir ao grupo inimigo, porém associado a uma prosódia semântica positiva. No primeiro caso, o ‘eles’ é associado a uma qualidade: os inimigos eram muitos em uma situação de guerra. No segundo caso, o ‘eles’ é associado a uma possível

pacificação.

Os dados investigados dos pronomes ‘nós’ e ‘eles’ e as construções de identidades de conflito, nos mostraram construções marcadas pelo não maniqueísmo e não corroboram com as expectativas iniciais da pesquisa. Foi possível observar características de linguagem mais fluida, com atribuições positivas ao grupo hostil como atribuições negativas ao grupo aliado.

No presente trabalho, observamos como a linguagem pode ser utilizada para construir noções ‘nós versus eles’ em alguns casos, como diferentes partes do conflito se constroem e se contrapõem, os casos que podem ocorrer ambiguidade através da linguagem, e como a noção ‘nós’ pode ser construído como interação narrador-leitor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho apresentou um amadurecimento de uma pesquisa sobre uso dos pronomes ‘nós’ e ‘eles’ e a construção de identidades coletivas, bem como de um artigo sobre o uso dos pronomes ‘nós’ na língua portuguesa e na língua inglesa do corpus paralelo bilíngue da língua portuguesa e da língua inglesa *Grande Sertão: Veredas*.

O trabalho investigou o uso dos pronomes ‘nós’ e ‘eles’ na língua portuguesa e ‘we’ e ‘they’ na língua inglesa quando postos diante de uma relação tradutória. O trabalho buscou entender como ocorre o uso destes pronomes na construção de grupos sociais e em um conflito armado. Para isto, foi feita uma análise através do corpus paralelo ficcional bilíngue composto pelos textos *Grande Sertão: Veredas* e de sua única tradução para o inglês *The devil to pay in the backlands*.

De acordo com os resultados obtidos através das linhas de concordância da ferramenta *AntConc*, a investigação constatou uma tendência a elisão dos pronomes ‘nós’ e ‘eles’ do corpus português. Nos casos em que o pronome se encontra de forma explícita, a investigação constatou uma propensão à anteposição pronominal em relação ao verbo. Na língua inglesa, foram averiguados apenas os casos em que o pronome se encontra explícito devido à estrutura linguística do idioma e também foi constatada uma predisposição à anteposição do pronome.

Em relação à dêixis dos pronomes investigados no presente trabalho, constatamos que os dados não corroboram para uma visão maniqueísta da realidade construída no romance. As prosódias semânticas associadas ao pronome ‘nós’ nem sempre são positivas e nem sempre é relacionada ao grupo aliado, assim como a noção ‘eles’ nem sempre é negativa e muitas vezes fazem referência a pessoas que não estão inseridas no grupo hostil.

O trabalho buscou fazer uma reflexão acerca do uso da linguagem através de uma análise de dados inserida nos estudos da Linguística de Corpora. Ao comparar dois sistemas linguísticos em um corpus comparável, busca-se mostrar como recursos linguísticos podem ser usados na construção de identidades coletivas e a complexidade nas relações tradutórias entre duas línguas.

O trabalho tem pretende dar continuidade no estudo da análise do pronome ‘eu’ no corpus *Grande Sertão: Veredas* e de sua única tradução para o inglês, *The devil to*

*pay in the backlands*, averiguando sob o ponto de vista sintático, os casos de uso do pronome ‘eu’ para enfatizar o falante e, em relação à construção de identidades de conflito, busca-se saber como a linguagem do ‘eu-narrador’ se relaciona diante de uma situação de conflito.

Para outros futuros desdobramentos da pesquisa, o trabalho pretende analisar os pronomes em um sistema linguístico diferente do inglês, averiguando a análise dos pronomes ‘*nosotros*’ e ‘*ellos*’ na língua espanhola.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA. **Academia Brasileira de Letras**. Disponível em: <http://www.academia.org.br/>. Último acesso em: 18 set. 2017.

ALVES, D; ASSIS, R.C. **Métodos de investigação em corpora**: ferramentas para classificação de dados extraídos de corpora de pequenas dimensões para análises discursivas. In: Blucher Social Sciences Proceedings. v.2, n3, 2016.

ALVES, D. **Correlações de forças e representatividade dos diferentes países em listas de melhores livros**: uma análise polissistêmica das listas divulgadas pelos periódicos Folha de São Paulo (1999) e The Guardian (2002). In: Dossiê In Traduções, v.5, p.122-142, 2011. Disponível em: <http://goo.gl/a9HsVX>. Último acesso em 13 out. 2017.

\_\_\_\_\_. **Guimarães Rosa fora do Brasil**: Padrões nas escolhas de títulos para as traduções de Grande Sertão: Veredas. In: O Brasil traduzido: palavra estrangeira. Rafael Corpetti, 2013.

ANTHONY, L. **AntConc 3.2.4w**. Tokyo, Japão: Waseda University, 2011. Disponível em: <http://goo.gl/3GVS> Último acesso em 12 out. 2017

AZEREDO, J. C. **Fundamentos de Gramática do Português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BARBARA, L. e GOUVEIA, C. It is not there, but [it] is cohesive: the case of pronominal ellipsis of subject in Portuguese. In: BANKS, D. (ed.). **Text and Texture**: Systemic Functional viewpoints on the nature and structure of text. 2004, Paris: L'Harmattan, p. 159-172. Disponível em: <http://goo.gl/afMxYs>. Último acesso em 12 out. 2017.

BAR-TAL, D. Introduction. In: BAR-TAL, D. (Ed.). **Intergroup conflicts and their resolution**: Social psychological perspective. New York: Psychology Press, 2011

BORTOLOTTI, M. **O Sertão de Guimarães na Língua de Joyce**. Disponível em: <http://goo.gl/xG4CVD>. Último acesso em: 29 set. 2017.

BOWKER, L. Towards a Methodology for a Corpus-Based Approach to Translation Evaluation. **Meta**, v. XLVI, n.2, 2001. P. 345-364.

CANDIDO, A. **O homem dos avessos**. In: Tese e Antítese. Ficção Completa. São Paulo: TA Queiroz Editor, 1994, 4.ed. Disponível em: <http://goo.gl/oNHGvN>. Último acesso em: 25 set. 2017.

GERMINAL. Revista de literatura & arte. **Entrevista**: João Guimarães Rosa por Lenice Guimarães de Paula Pitanguy. Disponível em: <http://goo.gl/rEyqFy>. Último acesso em: 16 out. 2017.

LOUW, B. **Contextual Prosody Theory**: Bringing Semantic Prosodies to Life. In Chris Heffer and Helen Sauntson (eds.), *Words in context. In honour of John Sinclair*. Disponível em: [http://www.revue-texto.net/docannexe/file/124/louw\\_prosodie.pdf](http://www.revue-texto.net/docannexe/file/124/louw_prosodie.pdf). Último acesso em: 24 nov. 2017.

LEÃO, A. V. **Língua Nacional, Falar Sertanejo, Estilo Rosiano**. Revista Scripta, 2002. Disponível em: <http://goo.gl/rdhdrS>. Último acesso em 17 set. 2017.

LEUDAR, I.; MARSLAND, V.; e NEKVAPIL, J. On membership categorization: ‘us’, ‘them’, and ‘doing violence’ in political discourse. **Discourse & Society**. London: Sage publications, 2004. Disponível em: <http://goo.gl/LmhS7a>. Último acesso em 18 out. 2017;

MACHADO, B. F. V. **João Guimarães Rosa: a invenção da linguagem**. Itinerários - Revista de Literatura, 2002. Disponível em: <http://goo.gl/XJZ2pW>. Último acesso em 18 set. 2017.

MAIA, B. Word Order and the First Person Singular in Portuguese and English. In: **Meta**: journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal, vol.43, n°4, 1998. Disponível em: <http://goo.gl/XEtbC4>. Último acesso em: 08 set. 2017

NASCIMENTO, C. ALVES, D. **O uso dos pronomes “nós” e “we” e a construção de identidades coletivas no corpus paralelo Grande Sertão: Veredas || The Devil to Pay in the Backlands**. In: *Belas Infiéis*, v. 6, n. 1, p. 43-64, 2017. Disponível em: <http://goo.gl/ruZQoX> Último acesso em: 13 out. 2017.

PEDROSA, M. F. **A visibilidade do tradutor**. [Blog Marcos Pedrosa de Souza] Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 2009. Disponível em: <http://goo.gl/Ecdx85>. Último acesso em 10 ago. 2016.

ROSA, J. G. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

\_\_\_\_\_. **The Devil to Pay in the Backlands**. Trad. James L. Taylor e Harriet de Onís. New York: Knopf, 1963.

ROSA, V. G. **Relembraimentos: João Guimarães Rosa, meu pai**. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014. Disponível em: <http://goo.gl/rQCec8>. Último acesso em: 05 out. 2017.

RELEITURAS. **Projeto Releituras**. Disponível em: <http://www.releituras.com>. Último acesso em: 22 ago. 2010

SARDINHA, T.B. **Corpora Eletrônicos na Pesquisa em Tradução**. In: *Cadernos da Tradução*.v.1, n.9, 2002. Disponível em: <http://goo.gl/qA47jR>. Último acesso em: 04 out. 2017

\_\_\_\_\_. **Linguística de Corpus**. São Paulo: Manole, 2004. Disponível em: <http://goo.gl/BP771L>. Último acesso em: 17 out. 2017.

\_\_\_\_\_. **Linguística de Corpus: Histórico e Problemática.** Delta vol.16 n2 São Paulo, 2000. Disponível em: <http://goo.gl/uKkV5x>. Último acesso em: 13 out. 2017.

SILVA, F; VASCONCELLOS, M L B; FERNANDES, L P. Semantic prosody and collocational profile in “The blackcat” and “O gato preto”. In: X Encontro Nacional de Tradutores e VI Encontro Internacional de Tradutores. 2009, Ouro Preto. **Anais do X Encontro Nacional de Tradutores & IV Encontro Internacional de Tradutores da ABRAPT.** 2009,

SILVA, S. C. **Do sertão a backlands: tradução e recepção de Guimarães Rosa em 1963.** Dissertação de Mestrado. – Universidade Federal do Paraná. Belém, 2014. Disponível em: <http://goo.gl/YZu4xt>. Último acesso em: 26 set. 2017.

TIRODELETRA. **Grandes Entrevistas.** Disponível em: <http://goo.gl/agkWqh>. Último acesso em: 16 out. 2017.

VERLANGIERI, I. V. R.J. **Guimarães Rosa: correspondência inédita com a tradutora norte-americana Harriet de Onís,** Dissertação de Mestrado. – Universidade Federal Paulista. Araraquara, 1993. Disponível em: <http://goo.gl/eLWjKA>. Último acesso em: 13 out. 2017.

WYNNE, M. **Developing Linguistic Corpora: a guide to good practice.** Ahd literature, language and linguistics, 2005. Disponível em: <http://goo.gl/JX1dwk> Último acesso em: 13 out. 2017

## ANEXOS

### ANEXO A – Termo de Compromisso de Originalidade

#### **TERMO DE COMPROMISSO DE ORIGINALIDADE**

A presente declaração é termo integrante de todo trabalho de conclusão de curso (TCC) a ser submetido à avaliação da Coordenação do Curso de Tradução da UFPB como requisito necessário e obrigatório à obtenção do grau de bacharel em tradução.

**Eu, CRISTIANE BEZERRA DO NASCIMENTO, 3144269SSP-PB** na qualidade de aluna da Graduação do Curso de Tradução da Universidade Federal da Paraíba, declaro, para os devidos fins, que:

- O Trabalho de Conclusão de Curso anexo, requisito necessário à obtenção do grau de bacharel em tradução pela Universidade Federal da Paraíba, encontra-se plenamente em conformidade com os critérios técnicos, acadêmicos e científicos de originalidade;
- O referido TCC foi elaborado com minhas próprias palavras, ideias, opiniões e juízos de valor, não consistindo, portanto **PLÁGIO**, por não reproduzir, como se meus fossem, pensamentos, ideias e palavras de outra pessoa;
- As citações diretas de trabalhos de outras pessoas, publicados ou não, apresentadas em meu TCC, estão sempre claramente identificadas entre aspas e com a completa referência bibliográfica de sua fonte, de acordo com as normas vigentes da ABNT;
- Todas as séries de pequenas citações de diversas fontes diferentes foram identificadas como tais, bem como as longas citações de uma única fonte foram incorporadas suas respectivas referências bibliográficas, pois fui devidamente informada e orientada a respeito do fato de que, caso contrário, as mesmas constituiriam plágio;
- Todos os resumos e/ou sumários de ideias e julgamentos de outras pessoas estão acompanhados da indicação de suas fontes em seu texto e as mesmas constam das referências bibliográficas do TCC, pois fui devidamente informada e orientada a respeito do fato de que a inobservância destas regras poderia acarretar alegação de fraude.

**O Professor responsável pela orientação de meu trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentou-me a presente declaração, requerendo o meu compromisso de não praticar quaisquer atos que pudessem ser entendidos como plágio na elaboração de meu TCC, razão pela qual declaro ter lido e entendido todo o seu conteúdo e submeto o documento em anexo para apreciação da Coordenação do Curso de Tradução da UFPB como fruto de meu exclusivo trabalho.**

João Pessoa, 26 de outubro de 2017.

**CRISTIANE BEZERRA DO NASCIMENTO**

## ANEXO B-Carta de Guimarães Rosa a Lenice Guimarães de Paula Pitanguy

Rio, 19 de outubro de 1966.

Lenice, querida Prima

Perdoe-me, muito, a demora; mas só hoje é que estou recebendo sua cartinha, datada de 23 de agosto! Enny me telefonou a respeito dela, quando aqui estêve, fiquei esperando... e nada. Hoje, como disse, foi que Tia (digo, Vovó) Carlotinha telefonou, também, e me mandou enfim a carta, aqui no Itamarati. Assim, tenho de responder depressa, depressa, para não deixar sem matéria Você e suas Coleguinhas. Não reparem, pois, se os quesitos vão preenchidos de modo curto e fôsko. Mas faça-o com vivo carinho e sincera alegria.

Assim:

I – Desde menino, muito pequeno, eu brincava de imaginar intermináveis estórias, verdadeiros romances; quando comecei a estudar Geografia — matéria de que sempre gostei — colocava as personagens e cenas nas mais variadas cidades e países: um faroleiro, na Grécia, que namorava uma môça no Japão, fugiam para a Noruega, depois iam passear no México... coisadesse jeito, quase surrealistas. Mas, escrever, mesmo, só comecei foi em 1929, com alguns contos, que, naturalmente, não valem nada. Até essa ocasião, eu só me interessava, e intensamente, pelo estudo, da Medicina e da Biologia. (Como nasci a 27 de junho de 1908, eu tinha, então, 21 anos, mais ou menos.)

II – Meu primeiro livro publicado foi o Sagarana, em 1946. (O livro tinha sido escrito em 1937.)

III – A sensação que eu tive ao ver o meu primeiro livro sair, foi de deslumbramento, alegria... e susto.

IV – É difícil dizer qual o livro (da gente) preferido. A gente sempre gosta mais de um livro futuro, que se pensa ainda escrever. De qualquer modo, entretanto, posso dizer sinceramente que, de tudo o que escrevi, gosto mais é da estória do Miguilim (o título é "Campo Geral"), do livro Corpo de Baile. Por quê? Porque ela é mais forte que o autor, sempre me emociona; eu choro, cada vez que a releio, mesmo para rever as provas tipográficas. Mas, o porquê, mesmo, a gente não sabe, são mistérios do mundo afetivo.

V – Acho o Sagarana um "filho" igual aos outros, apesar de ser o mais velho.

VI – Falo: português, alemão, francês, inglês, espanhol, italiano, esperanto, um pouco de russo; leio: sueco, holandês, latim, e grego (mas com dicionário agarrado); entendo alguns dialetos alemães; estudei a gramática: do húngaro, do árabe, do sânscrito, do lituânio, do polonês, do tupi, do hebraico, do japonês, do tcheco, do finlandês, do dinamarquês; bisbilhotei um pouco a respeito de outras. MAS, TUDO MAL. Eu acho que estudar o espírito e o mecanismo das outras línguas ajuda muito a compreensão mais aprofundada do idioma nacional. Principalmente, porém, estudo-as por divertimento, gôsto, distração.

VII – Tenho 4 livros já publicados: Sagarana, Corpo de Baile (desdobrado, a partir da 3ª edição, em 3: Miguilim e Manuelzão, No Urubùquaquá, No Pinhém, Noites do Sertão), Grande Sertão: Veredas e Primeiras Estórias. Sagarana e Corpo de Baile já estão editados também em Portugal. Nos Estados Unidos, já saíram Sagarana e Grande Sertão: Veredas (The Devilto Play in theBacklands), e traduzem agora o Primeiras Estórias.

Na França, já se publicaram Corpo de Baile e Grande Sertão: Veredas (Diadorim) e está sendo traduzido o Primeiras Estórias. Na Alemanha saíram já o Grande Sertão: Veredas e o Corpo de Baile (Corps de Ballet), a tradução do Primeiras Estórias já está pronta, traduzem agora o Sagarana. Na Itália, saíram o Corpo de Baile (Corpo diBallo) e o Sagarana, traduzem agora o Grande Sertão: Veredas e a tradução espanhola do Primeiras Estórias já está pronta. No Canadá saíram os mesmos que nos Estados Unidos. O Sagarana está sendo traduzido no Japão. O Grande Sertão: Veredas está sendo traduzido: na Suécia, na Iugoslávia, na Tcheco Eslováquia; sua publicação está em estudos na Hungria, Romênia, Holanda, etc.

VIII – Seu Colégio é ótimo, e sei que aí procuram sempre melhorar o nível cultural das alunas. Como poderia eu, afastado do vivo dêsses problemas, dar sugestões nesse sentido? Diria apenas a vocês que procurem ler os livros. Vocês mesmas; os livros, em si, é que são importantes. Os autores, não. O autor é

uma sombra, a serviço de coisas mais altas, que às vezes êle nem entende. O autor é sempre "bananeira que já deu cacho".

IX – A juventude? É uma maravilha. A juventude é quase tudo. É a humanidade e a esperança, recomeçando.

X – A melhor colaboração que a juventude pode dar para melhorar a situação da sociedade? A meu ver, é estudar, aprender, aplicar-se à disciplina e à paciência; e, principalmente, não pensar, por enquanto, em querer melhorar a situação atual da sociedade. Mas procurar, apenas, melhorar a si mesma.

Aqui estão, meu Bem, as respostas — espero que sirvam e que Você e suas Coleguinhas tirem boa nota. Beijo cada uma. Lembranças afetuosas a Enny e Evaristo.

Com outro beijo, para Você, do (Joãozito)

agosto, 2006

Lenice Guimarães de Paula Pitanguy nasceu em Belo Horizonte. Vive entre Belo Horizonte e Curvelo-MG. É engenheira e fazendeira.

Fonte: [http://www.germinalliteratura.com.br/pcruzadas\\_guimaraesrosa\\_ago2006.htm](http://www.germinalliteratura.com.br/pcruzadas_guimaraesrosa_ago2006.htm)

## ANEXO C – Trecho da entrevista de Guimarães Rosa a Günter Lorenz

- Fixemos este ponto de partida; e para encaminhar nossa conversa, queria propor-lhe um início convencional: o biográfico, embora ele já não seja tão convencional, se minhas conclusões sobre o que disse há pouco estiverem certas. Nasceu no sertão, aquela estepe quase mística do interior de seu país, encarnada como um mito de consciência brasileira...

*Sim, mas para sermos exatos, devo dizer-lhe que nasci em Cordisburgo, uma cidadezinha não muito interessante, mas para mim sim, de muita importância. Além disso, em Minas Gerais; sou mineiro. E isto sim é o importante, pois quando escrevo, sempre me sinto transportado para esse mundo. Cordisburgo. Não acha que soa como algo muito distante? Sabe também que uma parte de minha família é, pelo sobrenome, de origem portuguesa, as na realidade é um sobrenome suevo que na época das migrações era Guimaranes (3), nome que também designava a capital de um estado suevo na Lusitânia? Portanto, pela minha origem, estou voltado para o remoto, o estranho. Você certamente conhece a história dos suevos. Foi um povo que, como os celtãs, emigrou para todos os lugares sem poder lançar raízes em nenhum. Este destino, que foi tão intensamente transmitido a Portugal, talvez tenha sido o culpado por meus antepassados se apegarem com tanto desespero àquele pedaço de terra que se chama o sertão. E eu também estou apegado a ele...*

- Você está se referindo ao seu "caráter literário" que o inclui no importante grupo de literatos brasileiros denominados regionalistas?

*Sim e não. É necessário salientar pelo menos que entre nós o "regionalismo" tem um significado diferente do europeu, e por isso a referência que você fez a esse respeito em sua resenha de Grande sertão é muito importante. Naturalmente não gostaria que na Alemanha me considerassem um Heimatschriftsteller (4). Seria horrível, uma vez que é para você o que corresponderia ao conceito de "regionalista". Ah, a dualidade das palavras! Naturalmente não se deve supor que quase toda a literatura brasileira esteja orientada para o "regionalismo", ou seja, para o sertão ou para a Bahia. Portanto, estou plenamente de acordo, quando você me situa como representante da literatura regionalista; e aqui começa o que eu já havia dito antes: é impossível separar minha biografia de minha obra. Veja, sou regionalista porque o pequeno mundo do sertão...*

- Pequeno talvez para o Brasil, não para os europeus...

*Para a Europa, é sem dúvida um mundo muito grande, para nós, apenas um mundo pequeno, medido segundo nossos conceitos geográficos. E este pequeno mundo do sertão, este mundo original e cheio de contrastes, é para mim o símbolo, diria mesmo o modelo de meu universo. Assim, o Cordisburgo germânico, fundado por alemães, é o coração do meu império suevo-latino. Creio que esta genealogia haverá de lhe agradar.*

- O que importa é que além disso ela é exata. Mas voltemos à sua biografia...

*Creio que minha biografia não é muito rica em acontecimentos. Uma vida completamente normal.*

- Acho que não é bem assim. Em sua vida você passou por uma série de etapas muito interessantes, até mesmo instrutivas. Estudou medicina e foi médico, participou de uma guerra civil, chegou a ser oficial, depois diplomata. Deve haver ainda outros fatos, pois estou apenas citando de memória.

*Chegamos novamente ao ponto que indica o momento em que o homem e sua biografia resultam em algo completamente novo. Sim, fui médico, rebelde, soldado. Foram etapas importantes de minha vida, e, a rigor, esta sucessão constitui um paradoxo. Como médico conheci o valor místico do sofrimento; como rebelde, o valor da consciência; como soldado, o valor da proximidade da morte...*

- Deve-se considerar isto como uma escala de valores?

*Exato, é uma escala de valores.*

- E estes conhecimentos não constituíram, no fundo, a espinha dorsal de seu romance *Grande sertão*?

*E são; mas devemos acrescentar alguns outros sobre os quais ainda temos de falar. Mas estas três experiências formaram até agora meu mundo interior; e, para que isto não pareça demasiadamente simples, queria acrescentar que também configuram meu mundo a diplomacia, o trato com cavalos, vacas, religiões e idiomas.*

- Parece uma sucessão e uma combinação um tanto curiosa de motivos.

*Bem, tudo isto é curioso, mas o que não é curioso na vida? Não devemos examinar a vida do mesmo modo que um colecionador de insetos contempla os seus escaravelhos.*

(...)

-Em seus livros acontecem muitas coisas que se pode chamar de crimes, assassinatos, homicídios, ultrajes. São estes, então, modos lógicos de conduta dos seus heróis, por exemplo de seu Riobaldo?

*Não, não se pode dizer isto. O que ali acontece não são crimes. A gente do sertão, os homens de meus livros, você mesmo escreveu isso, vivem sem consciência do pecado original; portanto, não sabem o que é o bem e o que é o mal. Em sua inocência, cometem tudo o que nós chamamos "crimes", mas que para eles não o são. Alguma coisa deste modo de pensar se conservou até mesmo na justiça de muitos países civilizados. Pense na distinção entre assassinato premeditado e homicídio irrefletido, ou no que os franceses chamam "crime passional", o assassinato por ciúmes etc. Isto marca limites. No sertão, cada homem pode se encontrar ou se perder. As duas coisas são possíveis. Como critério, ele tem apenas sua inteligência e sua capacidade de adivinhar. Nada mais. E assim se explica também aquele provérbio sertanejo que à primeira vista parece outro paradoxo, mas que expressa uma verdade muito simples: o diabo não existe, por isso ele é tão forte. Às vezes não se encontram as palavras que se está sentindo dentro de si mesmo.*

- João Guimarães Rosa, você é uma pessoa delicada: olha o relógio muito dissimuladamente. Realmente já é tarde, e estamos aqui juntos há horas.  
*Desculpe, não quis demonstrar cansaço, mas realmente esta é a conversa mais longa que já tive.*

- E eu lhe sou muito grato. Tratemos então de chegar pouco a pouco ao final, pois nós dois ainda temos alguma coisa pela frente. Depois de havermos abordado tantos assuntos gerais, gostaria de saber algo muito específico, algo referente a seu magnífico livro *Grande sertão*, que neste caso deve ser tomado como representante de suas demais obras; também de seu *Sagarana*, de seus contos e de seu ciclo *Corpo de baile*. O romance *Grande sertão* teve um sucesso mundial, não imerecido, sem dúvida, mas que de certo modo me parece inexplicável. Que significado tem este livro para você?

*Eu diria que Grande sertão foi para mim o término de um desenvolvimento e, ao mesmo tempo, algo que um dia, espero, levar-me-á à meta final.*

-É um romance autobiográfico?

*É, desde que você não considere uma autobiografia como algo excessivamente lógico. É uma "autobiografia irracional", ou melhor, minha auto-reflexão irracional. Naturalmente que me identifico com este livro.*

- A figura principal deste romance tem as melhores possibilidades de ser considerada um dos maiores heróis da literatura mundial. Tentou-se muitodecifrá-lo, também na Alemanha, e formulou-se toda espécie de definições, mas todas elas revelam um certo desamparo. Talvez a culpa disso caiba à mistura de elementos realistas e daqueles que você costuma chamar "metafísica" ou "irracionalidade".

*Estou firmemente convencido disso. As dificuldades resultariam, sobretudo na Europa, do fato de se conhecer muito pouco de nosso mundo, especialmente de meu mundo do sertão.*

(...)

Fonte: <http://www.tirodeletra.com.br/entrevistas/GuimaraesRosa-1965.htm>>